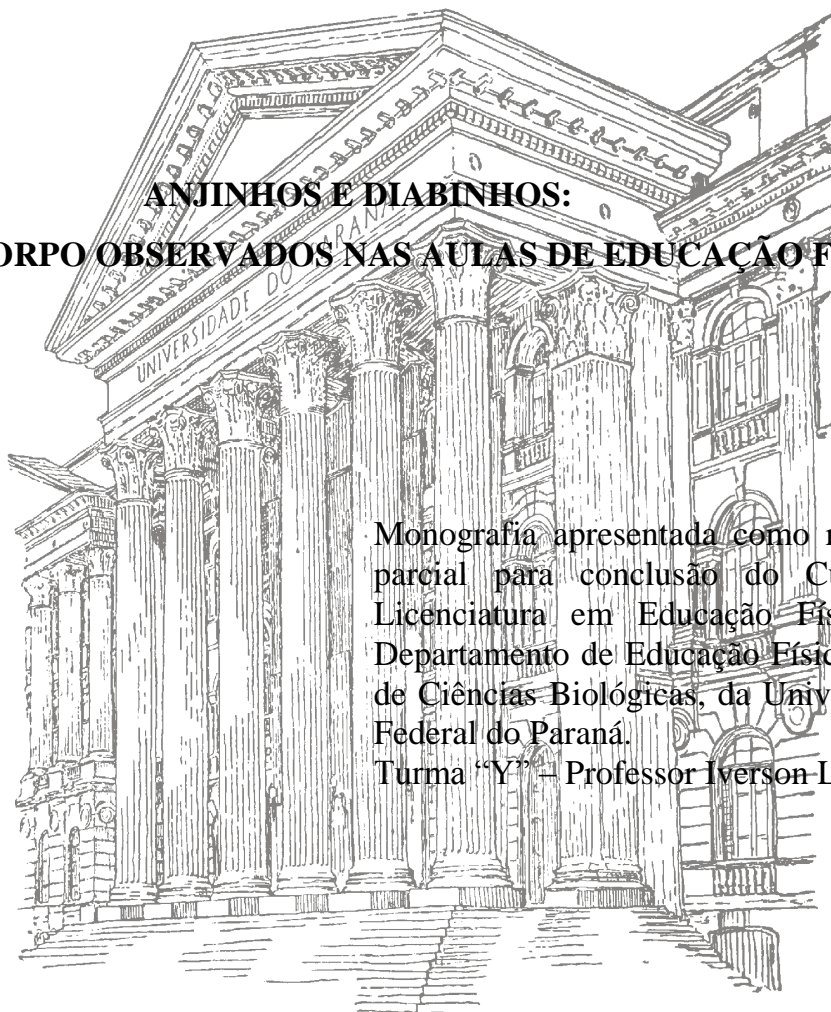


FLÁVIA COSTA

**ANJINHOS E DIABINHOS:
TABUS DO CORPO OBSERVADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Turma “Y” – Professor Iverson Ladewig

**CURITIBA
2004**

FLÁVIA COSTA

**ANJINHOS E DIABINHOS:
TABUS DO CORPO OBSERVADOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Turma “Y” – Professor Iverson Ladewig.

Orientador: Marcelo Moraes e Silva

Esta é uma história sobre quatro pessoas: todo mundo, alguém, qualquer um e ninguém. Havia um importante trabalho a ser feito e todo mundo tinha certeza que alguém o faria.

Qualquer um poderia ter feito, mas ninguém o fez.

Alguém zangou-se porque era um trabalho de todo mundo, pensou que qualquer um poderia fazê-lo, mas ninguém imaginou que todo mundo deixaria de fazê-lo.

Ao final, todo mundo culpou alguém, quando ninguém fez o que qualquer um poderia ter feito.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, bem como muitas outras coisas da minha vida, não poderia ser realizado sem a ajuda de pessoas que para mim são de muito valor.

Agradeço primeiramente ao Criador, que tantas graças me concedeu e me concede nesta vida (e em outras).

Aos meus pais que acreditaram nos meus objetivos e me deram condições para correr atrás deles. Aos meus irmãos pela compreensão, aos meus avós, que apesar de termos passado pouco tempo juntos, me incentivaram em minha caminhada.

Ao Leonardo, meu amor, amigo, companheiro, de quem sempre recebi apoio; e foi quem me agüentou nos dias de mau humor e estresse, me consolando e fazendo rir.

Ao meu orientador, amigo, professor, Marcelo, a quem devo muita gratidão e honra, pois foi quem me orientou para o caminho que eu devo seguir e me ensinou muito sobre as minhas escolhas.

Às minhas amigas e irmãs de coração, Caciana, Sabrina, Marta, Isabela, Ana Paula, Juliana que estiveram comigo em todas as horas. A todos os amigos e colegas presentes na minha caminhada (a galera da Turma Y!!!) que foram e sempre serão importantes na minha vida.

A todos os amigos e colegas que passaram pela minha vida e ajudaram a construir a pessoa que sou hoje.

À escola pesquisada, alunos e professor pela paciência, compreensão e apoio.

Ao Departamento de Educação Física, professores, funcionários, “tios e tias” (do xerox, cantina, limpeza) a minha gratidão, por tudo, tanto os bons como maus momentos, pois ajudaram a trilhar a minha caminhada e escolhas.

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS.....	v
RESUMO.....	vi
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 JUSTIFICATIVA.....	3
1.2 OBJETIVOS.....	4
1.3 METODOLOGIA.....	5
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
2.1 TABU:QUE PALAVRA ESTRANHA.....	8
2.2 VAMOS VER O QUE ACONTECE NA EMPIRIA?.....	18
2.2.1 O colégio: problemas, dilemas...aceitar ou questionar?.....	18
2.2.2 Conhecendo nossos anjinhos e diabinhos.....	27
2.2.3 Notas: discussão dos problemas.....	30
2.2.4 E no 2º Bimestre: o que mudou?.....	36
2.2.5 As aulas de Educação Física.....	41
3 DIALOGANDO COM A REALIDADE.....	46
3.1 AS OBSERVAÇÕES DIÁRIAS.....	46
3.2 A VIDA E RELACIONAMENTOS.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	65

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - MÉDIAS GERAIS DAS DISCIPLINAS NO PRIMEIRO BIMESTRE DE 2004	31
GRÁFICO 2 - NOTAS ABAIXO DE 5,0 NO PRIMEIRO BIMESTRE	32
GRÁFICO 3 - NOTAS DO PRIMEIRO BIMESTRE SUBDIVIDIDAS PELO APROVEITAMENTO DA TURMA	32
GRÁFICO 4 - COMPARATIVO DE NOTAS ABAIXO DE 5,0 EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DEMAIS DISCIPLINAS	38
GRÁFICO 5 - COMPARAÇÃO DAS NOTAS ABAIXO DE 5,0 DO PRIMEIRO E SEGUNDO BIMESTRES	39

RESUMO

Os tabus, encarados como formas de manifestação da cultura religiosa e moral (segundo conceito da cultura popular) ou forças reais que atuam sobre a realidade advindas da compreensão humana, influenciados pela cultura, perdurando como fontes seguras, tradições, autoridade. Podem, pois bem estar inseridos no cotidiano escolar, em aspectos da convivência diária, levando a determinados hábitos, costumes, maneiras de pensar e agir; possivelmente influenciando, controlando e em alguns casos induzindo a ações, onde existem leis, regras e ditames, trazendo à tona e reforçando estereótipos, fazendo com que o incomum possa parecer errado, às vezes sem ter nenhuma explicação, simplesmente o é. De acordo com tais considerações, é levantado um estudo de cunho etnográfico em ambiente escolar pretendendo apresentar possíveis resultados contidos em dados de observação, documentações e questionário, a provável presença de alguns tabus numa turma do Primeiro Ano do Ensino Médio e professor da disciplina de Educação Física em um Colégio da rede estadual de ensino de Curitiba. Analisa-se pois algumas situações-problema as quais seriam resultantes de questões mal trabalhadas em sala de aula e/ou em casa com tais alunos, que estariam trazendo à tona e/ou reforçando determinados tabus e estereótipos destes alunos, determinando conceitos e modelos de comportamento aceitáveis ou não nesta turma. Observa-se um certo despreparo por parte do professor para trabalhar com certas situações, que acabam agravando ainda mais o problema, reforçando ainda mais alguns tipos de tabus nestes alunos.

Traça-se uma análise e reflexão a respeito de tais considerações, discutindo com a literatura da área e com alguns autores da Teoria Crítica da Sociedade.

Palavras-chave: Tabus, estereótipos, professor.

1 INTRODUÇÃO

Dentro das práticas escolares podem ser observadas algumas atitudes dentre alunos e professores que seriam decorrentes de hábitos, costumes, maneiras de pensar e agir com relação a si mesmos e aos outros. Estas atitudes podem estar marcadas por tabus, proibições e coerções, impostos pela sociedade.

Segundo Adorno, os tabus seriam forças reais de atuação sobre a realidade social advindas de conceitos que se estabelecem e se fixam na compreensão humana por determinada cultura, o que tende a perdurar, pois podem ser assimilados como fontes seguras, as bases da tradição e da autoridade (2000, p.98).

O Tabu pode advir de várias situações da vida diária, e pode se dar enquanto uma fonte de sofrimento, angústia e ansiedade.

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós como forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (FREUD, 2000, [s.p.])

O comportamento adolescente, neste caso, a possível existência de um tabu em sua vida, pode estar associado a fatores aos quais presentes em seu dia-a-dia, fariam modificar seu comportamento ou guiá-lo de formas diferenciadas. Podendo ser de ordem social (família, amigos, vizinhos, instituições as quais freqüente), psicológica (como estas relações se refletem em seu comportamento) e/ou cognitiva (como ele entende as situações e as vivencia).

Como é visto, há muitas particularidades entre os adolescentes, o que torna impossível determinar qual será a freqüência ou predominância de um determinado comportamento. Por assim dizer, espera-se encontrar em uma variedade de casos e/ou relatos, guiando e delimitando a pesquisa de observação bem como o estudo bibliográfico, as manifestações de tabus que façam parte da vida e/ou predominem no comportamento dos adolescentes pesquisados.

Os tabus podem vir a controlar atitudes e pensamentos, fazendo pessoas acreditarem que se praticarem algum ato diferente do que está posto como correto, estarão cometendo erros, fazendo coisas "ridículas". Em observações pôde-se notar que alguns adolescentes têm por costume ridicularizar as atitudes de seus colegas por serem diferentes das deles. Este tipo de julgamento não deixa de ser um meio de controle, assim como o que podem sofrer no cotidiano em suas casas e na própria escola.

De acordo com tais considerações, pretende-se buscar em pesquisa empírica dentro da turma observada, em cronograma previamente determinado (seis meses), delimitado em duas aulas semanais de Educação Física (com 50 minutos cada), dados que indiquem a (in)existência de tabus entre alunos e professor (de Educação Física) do primeiro ano do Ensino Médio, analisando-os segundo a literatura e buscando, talvez sua origem e repercussão, dentre fatores relatados em Caderno de Observações¹ e mais tarde, elaborando análises particularizadas de alunos e grupos por meio de um questionário pensado a partir das suas vivências em Educação Física, com os pontos mais relevantes para análise da pesquisa (ver anexos).

A escolha por esta turma foi influenciada pela disponibilidade de horários que se adequassem aos disponíveis para pesquisa, além da faixa etária em que a maioria dos alunos se encontra (15 anos, com 67,8% da amostra pesquisada), a adolescência, em que os conflitos e apelos por atenção podem estar mais visíveis em seus comportamentos.

Tendo em vista o colégio observado, foi comum observar que por vezes os meninos que vão jogar futebol deixam seus tênis frouxos nos pés para que, na hora de chutar a bola, este saia voando e fique "engraçado" para quem está assistindo ao jogo e haja destaque do menino perante a turma.

Dentro das observações diárias, foi possível notar "tipos" e "modelos" de comportamento, sendo assim ensaia-se algumas caracterizações, como a menina quieta, a qual é isolada pelos demais; o menino que repreende a todos e é

¹ Instrumento usado pelos pesquisadores para coletar dados em campo de observações no interior das dependências da escola, caracterizando a pesquisa como de cunho etnográfico.

“bagunceiro”; o “pessoal” do vôlei e o do futebol. Como descrito em Caderno de Observações, no dia 25 de março de 2004,

A sala tem vários grupos nos quais não há uma intercomunicação efetiva. Há sempre duas meninas que sentam distantes de todos, dois a três meninos que se distanciam, também de todos e não participam de nada, como as duas meninas já citadas. Este grupo grande, o qual sempre menciono, das meninas e o menino, no qual a menina fica perto, mas não participa; os meninos que só jogam futebol, e o pessoal do vôlei, que não sai da quadra, que se “destacam” dos demais² (4º Dia de Observação).

Esta e muitas outras situações do cotidiano escolar pretendem ser ilustrada neste estudo, descrevendo os fatos ocorridos para tentar desmitificá-los; dialogando com autores da Escola de Frankfurt (exclusivamente com Theodor W. Adorno e Max Horkheimer), também denominada Teoria Crítica da Sociedade. Além disso, serão cruzadas breves considerações com alguns autores da literatura da Educação Física e da Educação.

1.1 JUSTIFICATIVA

A partir de uma descrição e análise das principais manifestações implícitas e/ou explícitas de padrões e normas de comportamento coletadas em aulas de Educação Física na população da amostra (como já citado anteriormente, uma turma do Primeiro Ano do Ensino Médio de um Colégio Estadual de Curitiba), fora realizada uma pesquisa de cunho etnográfico e revisão bibliográfica sobre o tema proposto, os tabus observados nas aulas de Educação Física, abordando alguns dos principais enfoques encontrados como explicações para sua manifestação e ocorrência.

O que motiva esta pesquisa é visualizar corretamente os meios de controle social a que estes adolescentes são submetidos diariamente, talvez como forma de coerção.

A simples reflexão sobre o que a cultura traz como verdades absolutas, ou simplesmente sobre o que se é obrigado a fazer ou ouvir, seja, para este aluno, a

² É claro que ao longo das observações, a tendência é haver algumas mudanças de percepção e interpretação, mas a princípio esta foi a primeira impressão da turma.

emancipação³, a formação da consciência sobre suas próprias ações. E se isto não se der na escola, não se sabe onde irá acontecer.

O mundo da escola, que deve ser o hall de entrada à vida real, acaba substituindo-se à própria vida, sustentando-se de sua próprias projeções. Resta saber até que ponto dela deve mesmo aproximar-se da vida e até que ponto dela deve manter uma prudente distância relativa que lhe permita um processo de reflexão crítica.(OLIVEIRA, 1995, p. 124)

A escola, enquanto veículo da formação humana, institucionalmente incumbida desse papel, deve se responsabilizar pela maneira com que os conteúdos e temas são tratados com seus alunos, pois cada um deles pode vir para a escola com um tipo de manifestação da cultura, uma visão de mundo. E de outro lado, está a escola com sua outra visão, nem sempre se aproxima com da “vida real”.

O mais comum neste caso seria ver a escola valorizando o conhecimento do aluno ou anulando-o e convertendo quantitativamente no que acredita ser o melhor para o mesmo? Qual seria sua melhor atuação enquanto instituição formadora de consciência e valores? Quem ajudaria o aluno a desconfiar dos valores a que é submetido?

A escola, enquanto construtora e reconstrutora de saberes pode ou não reforçar bem como duvidar, reorganizar, readministrar o conhecimento que a sociedade e a ciência trazem, beneficiando seus alunos para o exercício da autonomia de forma consciente e crítica. Com isto talvez, possa-se chegar um dia a mudar a forma como as pessoas tratarão a si próprias e aos “outros”, dentro de qualquer realidade social.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Visualizar como ocorrem os tabus em relação ao corpo nas aulas de Educação Física.

³ Emancipação no sentido de libertação do pensamento, de ver-se livre do pensamento de obrigação ou de negação de um prazer, de um desejo que antes lhe era reprimido sem explicação, simplesmente por que lhe era proibido. Este é um dos mecanismos de controle que a sociedade utiliza para controlar os impulsos naturais do ser humano, naturalizando, cristalizando certos princípios e ações como as formas únicas e certas de serem e existirem. Um bom exemplo para isso, seria nas aulas de futebol, que uma menina não pode jogar melhor do que um menino, porque senão este vai ser chamado de homossexual pelos demais, pois seu rendimento foi inferior, e se ela gosta muito de futebol, também vai ser deixada de lado pelas outras meninas por esse mesmo motivo.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Fundamentar teoricamente, dentro da bibliografia pesquisada, tais influências sociais para o controle e coerção, que são os tabus;
- Estabelecer considerações acerca da pesquisa de observação e bibliográfica, criando vínculos entre ambas, favorecendo o melhor entendimento e o estabelecimento de novas conclusões.

1.3 METODOLOGIA

Através de uma proposta de trabalho de observação de cunho etnográfico, o qual se centrará na possível detecção de tabus a que os corpos são submetidos dentro das aulas de Educação Física. Para analisar com mais clareza a metodologia desta pesquisa e entender o nível das reflexões a serem conduzidas, é necessário definir epistemologicamente o sentido da palavra etnografia, baseado em André (1998, p.27),

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.

O período de observação e coleta de dados realizado no ano de 2004 em um colégio da rede pública de ensino (já citado acima) durante dois bimestres e meio (5) meses⁴, visou conhecer primeiro a realidade deste, traçando o perfil da população que o cerca e, conseqüentemente, o perfil dos alunos, buscando encontrar diferenças nos comportamentos dos adolescentes de um primeiro ano do Ensino Médio durante suas aulas de Educação Física.

⁴ Tempo que precisou ser reduzido de seis meses causado pela mudança de horários que o Colégio sofrera, o que ocasionou a saída forçada do campo de observações um mês antes do previsto.

Em momento nenhum foi realizada alguma intervenção durante as vivências da turma, tanto nas práticas como nas teóricas⁵, sendo a atitude predominantemente “neutra”. Entretanto, a pesquisa pode ser considerada participante, “porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (ANDRÉ, 1998, p.28).

Nos dias de observação, fora usado como instrumento de coleta de dados um caderno citado em diversos momentos do trabalho como “Caderno de Observações”, no qual foram descritos os fatos ocorridos no decorrer das aulas de Educação Física, e dentre estes escritos, podem ser encontradas anotadas algumas impressões, pensamentos e sentimentos que ocorreram no momento. Algumas destas anotações denotam alguma “imparcialidade”, pela grande proximidade com as situações e possivelmente pela absorção das impressões dos alunos, pelo grande grau de “intimidade subjetiva” que se dava durante o decorrer do processo, onde o pesquisador sente-se parte do objeto, e não mais um ser imparcial.

Para tentar sanar algumas dúvidas remanescentes da pesquisa de cunho etnográfico, vincula-se um questionário (ver anexos) que tentou obter dados pessoais dos alunos para que se pudesse fazer uma análise mais aprofundada do grau de interferência das situações dadas em aula e das situações ocorridas em casa em seu comportamento interpessoal e reações individuais dentro do contexto observado.

Os registros (tanto do caderno como do questionário) não revelam os nomes ou procedência de seus dados, prezando pela integridade do professor e alunos pesquisados, mostrando somente o dia e hora de observação, bem como a localização sócio-geográfica da escola. Em seguida, tais fatos são descritos e discutidos, tentando elaborar uma enquete para possíveis reflexões.

Caracteriza-se a pesquisa etnográfica enquanto objeto flexível, a qual constantemente:

Busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem. Para isso faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os

⁵ A não ser no momento da apresentação à turma, no qual se realizou da maneira mais direta e breve possível, uma explicação de que somente não poderia informar-lhes sobre o tema a ser focado pela observação.

fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade.(ANDRÉ, 1998, p.30).

Em uma pesquisa de cunho etnográfico não se visa dar respostas prontas, e sim mostrar o objeto e analisar suas individualidades e riqueza de contextos, mostrar o caminho, o processo por onde se percorreu para indicar possíveis causalidades, não limitando, porém a respostas e/ou resultados assertivos e exatos, mas “abrindo leques” e “florescendo teses”.

Valoriza-se a primazia do objeto, ou seja, o que deve falar mais alto é a prática e não as teorias educacionais que porventura estariam envolvidas no processo, pois se acredita que um aluno se (de)forma pela prática educacional; independente da teoria adotada pelo professor⁶.

E como se trata de uma pesquisa na área escolar, pode-se considerar que “se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo” (ANDRÉ, 1998. p. 28).

Tendo em vista que este estudo se caracteriza enquanto um ensaio etnográfico do espaço escolar, faz-se necessário revisar os conceitos que permeiam o problema (os tabus) bem como as relações educativas e de poder que porventura possam estar ocorrendo dentro deste espaço escolar relacionados ao mesmo, e possíveis interferências deste processo educativo.

⁶ Não que a teoria educacional não tenha importância, mas está associada secundariamente ao estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 TABU: QUE PALAVRA ESTRANHA!

Antes de discutir o problema central deste estudo, é necessário definir, em termos de significação, o que seriam os tabus. Existem diversas teorias e conceituações que tentam dar as mais variadas explicações, as quais podem diferir por diversas causas. Entre elas, no conceito popular:

tabu *s.m.* 1. Entre alguns povos, tudo que tem caráter sagrado e de que é proibido falar, aproximar-se, etc. 2. (p.ext.) Tudo aquilo que é convencionalmente evitado ou proibido, espec. por motivos religiosos ou morais⁷. *Adj.* 3. Que tem caráter sagrado, sendo proibido a qualquer contato. 4. (p.ext.) Proibido; interdito. (LUFT, 1991, p.587)

A definição “dicionarista” retrata na religião e em preceitos da cultura popular os principais agentes para a formação de possíveis tabus, que é a forma mais comum de enxergar neste caso, as possíveis causas, pois se defrontariam com aspectos inerentes ao contexto histórico do convívio social, o qual a princípio viria da instituição religiosa – especificamente o catolicismo – o controle e termômetro dos pensamentos e gestos, como sendo corretos ou impuros, bem como atos dos quais se espera de um “cidadão”⁸.

Segundo Fraga, a própria escola surgiu com pretensões religiosas de formação e propagação do cristianismo, sendo que inicialmente eram casas de reclusão social, e mais tarde, integrando as classes populares, estava interessada na formação de trabalhadores comportados (e conformados), sendo condenados seus eventuais “problemas de conduta” e aprendizado, os quais seriam corrigidos e as qualidades acentuadas para se tornar herdeiro do saber racionalizado e religioso. “Pode-se, assim,

⁷ Definição destacada para utilização em comentários posteriores.

⁸ Entenda-se aqui cidadão como palavra pejorativa que classifica a pessoa como que enquadrada nos valores de cidadania e respeito ao próximo, sendo esta descentemente vista pelos seus companheiros, como pessoas trabalhadoras, geradoras de bens, que está contribuindo socialmente para o bem geral. Diferente da definição de ser humano, que seria aquela pessoa que conseguiu alcançar sua autoconfiança, sua autonomia enquanto pessoa pensante e agente para com a formação, construção e reconstrução da cultura.

notar os traços dessa educação no corpo dos sujeitos, na dignidade de seu povo trabalhador, honesto e religioso” (2000, p.32 - grifos do autor)

A formação do caráter, neste caso, se funda em preceitos morais que nem sempre têm explicações pertinentes, certos atos ou pensamentos são discriminados e vistos como amorais e repulsivos de serem encontrados nas pessoas, e trariam à tona os tabus da sociedade.

Em uma segunda teoria, Freud, em seu livro Totem e Tabu, dá uma nova versão para o termo tabu, que se defronta com o primeiro, iniciando com sua negação ao que se descreve acima, o qual diz:

As restrições do tabu são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em nenhuma ordem divina, mas pode-se dizer que se impõem por sua própria conta. Diferem das proibições morais por não se enquadrarem em nenhum sistema que declare de maneira bem geral que certas abstinências devem ser observadas e apresente motivos para essa necessidade. As proibições dos tabus não têm fundamento e são de origem desconhecida. Embora sejam ininteligíveis para nós, para aqueles que por elas são dominados são aceitas como coisa natural. (2000, [s.p.]).

Como se pode ver, comparando as duas formas de definição, uma contrapondo-se à outra, que desconstrói-se uma possível regra terminológica, bem como fator universal e/ou objeto de forma definida e insuperável.

Para Freud, um tabu viria de fatores desconhecidos e ainda não esclarecidos pelas pessoas, simplesmente se configurariam enquanto meios de controle social, não necessariamente enquanto formas impostas religiosamente ou pela moral, mas sim atos que não são praticados por serem considerados errados, sem ter uma explicação causal e assimilados de forma natural.

Adorno vem ao encontro de Freud e retrata o tabu enquanto fonte de reforço e assimilação dos fenômenos econômicos e sociais, trazendo a essência do conceito anterior,

Utilizo o conceito tabu de um modo relativamente rigoroso, no sentido da sedimentação coletiva de representações que, de um modo semelhante àquelas referentes à economia, já mencionadas, em grande parte perderam a base real, mais duradouramente até que as econômicas, conservando-se porém com muita tenacidade como preconceitos psicológicos e sociais, que por sua vez retroagem sobre a realidade convertendo-se em forças reais. (2000, p.98)

Isto somente reforça o que Soares, diz sobre a formação que se pretendia oferecer nos primeiros anos da Educação Física Escolar, retratando que “os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam. Desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deve incidir uma educação que privilegie a retidão corporal, que mantenha os corpos aprumados, retos” (1998, p.18). Ou seja, que estejam de acordo com o que a sociedade espera.

Os tabus, portanto, podem ser incorporados inconscientemente pelas pessoas, e se refletir enquanto fontes de perduração da dominação, da construção de estereótipos, de valores. E podem também acabar sendo transmitidos na escola sem um mínimo de reflexão, sendo que sua reafirmação pode vir por meio dos próprios professores, por punições psicológicas, métodos de ensino, maneiras de tratar os conhecimentos, a transmissão (e não construção) de valores.

Embora se compreenda que a educação do indivíduo para viver em sociedade se faça necessária como pré-requisito para sua “sobrevivência”, é necessário refletir acerca de que princípios estão sendo formados nesses corpos na escola, que tipo de pessoa está sendo ‘moldada’, pois, “se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador” (ADORNO, 1995, p.120).

Ao mesmo tempo em que se tenta deter as manipulações que podem ser impostas, às vezes cai-se em profundos dilemas, questionando se estas seriam ou não necessárias e/ou verdades, estariam impregnadas em todos, como partes do próprio corpo, pois desde a primeira infância submete-se automaticamente a estes princípios.

Este tipo de formação pode se propagar enquanto parte constituinte da cultura, mascarada por reformas institucionais e atribuições da mídia, através de generalizações onde são priorizados alguns conhecimentos em detrimento de outros, pois não se sabe bem até que ponto a informação se torna útil para as pessoas, ou até que ponto são válidas ou verdadeiras, só se acredita que algo nelas tem de verdade para ser aceita e aplicada.

Isto pode ser acrescido pelos tabus, a serem atribuídos a gestualidade, a uma maneira de vestir-se e agir, pretendendo formar uma “pedagogia do gesto e da vontade” (SOARES, 1998), que segundo o próprio termo, pode eventualmente

alcançar algo mais amplo, que é o controle de ações, pensamentos e desejos. Este trato com o conteúdo e aluno pode “casar” com os objetivos tão aspirados pelo capitalismo, a tão sonhada sociedade de consumo, que produz e consome cada vez mais, acriticamente.

Todo este sistema integrado pode criar um mecanismo que reverte, como um espelho, uma pessoa sobre a outra, aquilo a que lhe atribuem, criando um meio de controle em massa, feito através de exclusões de meios sociais, de gozações, que são hábitos muito encontrados no meio adolescente (com frequência grande durante a pesquisa), que acabam rotulando e marcando pessoas pelo resto de sua vida.

Neste sentido, pode-se citar o ocorrido no 13º Dia de Observação, em uma aula de Basquetebol na turma observada quando:

A bola cai em fezes de cachorro ao lado da quadra, e o professor, sem querer, pega a bola bem na sujeira. Vendo que se sujou, a joga para o outro lado da quadra. Um menino que não havia visto, a pega. Quando o professor vê que o aluno pegou a bola suja, diz ‘Hi! Olha o outro limpando a mão na bosta...’. E os meninos ficam tirando sarro dele. (03/05/04 – CADERNO DE OBSERVAÇÕES, [s.p.])

Estas fontes de punição, escárnio, formas de repressão ocorrem talvez pela necessidade da autoconservação, preservação da auto-imagem perante a turma, acredita-se que não importaria quem pegasse a bola naquele momento, ele o faria da mesma forma para não “passar vergonha” sozinho. O professor talvez tenha sentido que “deve” ser o centro das atenções não por ser visto como um objeto de gozação, e sim por seu conhecimento, suas “habilidades motoras”. Para escapar de situações vexatórias e “limpar a sua imagem” (e as suas mãos), valeria a pena até mesmo levar os alunos a se “engalfinharem” em chacotas levados à sua tentativa de autoconservação.

Pode-se crer que venha a aumentar cada vez mais o medo e/ou receio dos alunos de “passar vergonha” diante dos colegas, o que pode agravar ainda mais seus tabus, pois a qualquer momento podem sofrer outro tipo de agressão psicológica ou mesmo física, influenciada pela ação de algum professor. Isto valeria até mesmo para um possível elogio que receba, o qual seria motivo de mudanças no tratamento dos colegas bem como atribuições de rótulos, que iriam estigmatizá-lo pelo resto da vida. Zuin trata esta questão com propriedade, analisando-as dentro da escola:

É nesse período da emergência das escolas de massas que acontece algo decisivo para a relação estabelecida entre professores e alunos, bem como para a formação das representações aversivas do corpo discente quanto a seus mestres: a gradativa substituição das punições físicas pelas psicológicas. (...) são as punições psicológicas que ocupam cada vez mais um lugar de destaque nas salas de aula.

E ainda completa:

É o desejo do elogio e, principalmente, o medo de ser insultado e humilhado diante de todos os colegas, que fazem com que o aluno se concentre no conteúdo transmitido a fim de que não cometa erros que o transformem num alvo do escárnio do professor. (2003, p.420).

Dentro desta formação escolar, não seria de se estranhar se algum aluno afirmasse que se sente incomodado e inseguro, não gosta muito de falar (com exceções) e quando fosse falar somente reafirmasse aquilo que já fora dito pelo professor.

Por diversas vezes – na turma observada – o professor questiona por que os alunos não colaboram com suas falas durante as aulas. Reflete-se sobre alguns aspectos que poderiam estar interferindo ao mesmo tempo ou separadamente, como o medo da observação, o medo da possibilidade de estarem sendo avaliados pelo professor e pela observadora (a presença de uma pessoa estranha à rotina escolar não envolvida nas aulas, e ainda anotando “algo misterioso” em um caderno enquanto observa! - ver com mais detalhes no capítulo 3) ou pelos dois (será que ela vai contar para o professor o que eu fiz/falei!). E em segundo plano, pode ser levado também a estes fatores como medo da repressão, condenação do professor, de ser alvo de chacotas da turma, ou até mesmo os dois fatores associados.

Além destas vivências “pedagógicas”⁹, onde podem ocorrer diversas situações onde há controle, tanto dos colegas quanto dos professores, outra forma de manipulação e submissão seria a das atribuições feitas ao meio masculino (que pode ou não ser reforçada na escola), de que todo homem tem que se apresentar como viril,

⁹ Vivências pedagógicas porque se aplicam ao cotidiano em sala de aula/quadra. É necessário, no entanto esclarecer que não se pretende afirmar é que somente na escola que se aprende, embora se acredite que existam diferentes formas de aprendizagem, sendo estas significativa ou não significativa.

forte, não pode chorar, tem que suportar a dor, do contrário pode ser considerado “bichinha”. Compartilhando do pensamento de Adorno,

A idéia de que a virilidade consiste num grau máximo da capacidade de suportar a dor de há muito se converteu em fachada de um masoquismo que – como mostrou a psicologia – se identifica com muita facilidade ao sadismo. O elogiado objetivo de ser duro de uma tal educação significa indiferença contra a dor em geral. No que, inclusive, nem se diferencia tanto a dor do outro e a dor de si próprio. Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar ou reprimir. (2000, p.128 - grifos do autor).

Desde crianças muitos meninos sofrem esta agressão do pai, irmãos, de que ele não pode chorar, de que quem chora é menina, que ele precisa ser “macho”, enfim, uma série de duras afirmações, que fazem esses meninos crescerem acreditando nisso e cobrando de seus amigos a mesma coisa, discriminando os que pensam e agem diferentemente disto, delimitando a participação destes em seu grupo. A dor é agradável aos olhos de quem submete, é necessária para atenuar suas próprias dores, assim, “se eu não posso, você também não pode”.

Ainda a respeito da masculinidade, há outras características muito fortes. Como garantia para a autopreservação, o sexo é assunto corrente dentre os homens, talvez tentando resguardar seu instinto de “macho concorrente”.

Já as mulheres, que sempre foram coagidas e controladas pela sociedade (pais, religião, entre outros, isto em um passado não muito remoto), hoje se vêem reificadas no fenômeno da Indústria Cultural, buscando essa imagem de “mulher perfeita”, de “Afrodite Contemporânea”, como um produto vendável, constituindo-se o “pacote” para a satisfação da libido masculina.

E este tabu se configura como de grande relevância, pois oferece uma das maiores dificuldades para os professores. Não só pelo aparecimento de jovens grávidas nas escolas todos os anos (que é um fator emblemático e posto como um tabu maior ainda), mas pelo medo e vergonha de falar sobre o assunto. “Na civilização ocidental e provavelmente em toda civilização, o corpo é tabu, objeto de atração e repulsão” (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.217), por isso os pudores em tocar no assunto.

Talvez um dos fatores além do medo, do tabu, seja a falta de diálogo familiar, que pode estar impedindo que este assunto seja tratado com naturalidade e propriedade.

Em muitos dos relatos obtidos no questionário realizado com a turma observada, vê-se que dentro da família não é muito animadora a estimativa para o cultivo do diálogo, entre pais e filhos, onde aproximadamente 50% para alunos consideram ótimo o relacionamento com a mãe e o pai, e o mesmo valor ao contrário, avaliando enquanto bom, ruim e péssimo pelo motivo principal de falta de diálogo e compreensão. Em alguns casos, seu relacionamento era ótimo com o pai e não tão bom assim (às vezes péssimo) com a mãe, ou vice-versa.

Com os irmãos o relacionamento também se mostrou um pouco difícil, o que pode ser a causa para que o convívio mais significativo destes adolescentes, o qual ele considera de maior valor seja dentro da escola com os seus colegas, na televisão ou mesmo na rua. Onde há uma troca maior de experiências com o meio é que pode ser a maior fonte de conhecimento e aprendizagem.

Talvez todos estes conflitos estejam levando à falta de seriedade com que o sexo é tratado nos dias atuais, apenas enquanto forma de conseguir prazer. Na mídia é transmitido desta forma, totalmente deturpado e sem nenhum tipo de valor. O “outro” é apenas um objeto com o qual é possível se satisfazer; é uma massa amorfa, sem vontade própria.

Assim, o professor – pessoa comum, de “carne e osso”, com toda a sua carga de conflitos e tabus – às vezes se vê obrigado a fazer a abordagem do assunto - bem como de tantos outros “problemas” e dúvidas destes adolescentes que acabam sendo geradas ou simplesmente aparecem durante as suas aulas - mesmo não tendo tanta certeza, nem mesmo clareza de como pode ser abordado, e conseqüentemente, a segurança do tratamento dado ao conteúdo aliado aos da Educação Física (definidos como a Ginástica, Dança, Esportes, Lutas, Jogos), tanto por sua inexperiência ou despreparo teórico, quanto pelos seus receios e tabus.

A pobreza cultural das aulas de Educação Física é patente nesse sentido: elas só podem servir a reificação, à dominação, à obliteração da consciência quando reduz a experiência dos alunos a um arremedo de formação que atende por diversos codinomes: educação do movimento, educação para o movimento, educação pelo movimento, educação através do movimento...

Nossos alunos hoje são reféns de uma tradição longínqua manifesta no corpo coisa. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2000, p.24 – grifos do autor).

Isto pode levar à construção de vários sentimentos com relação a si e às aulas. E dependendo de como for trabalhado (se o for), pode-se acabar construindo neste corpo uma dualidade, uma dicotomia entre o gostar-se e o esconder-se, que poderia ser referido ao que Horkheimer e Adorno, chamam de amor-ódio pelo corpo, onde “o corpo se vê de novo escarnecido e repellido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo, desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir” (1985, p.217).

Ao mesmo tempo em que o corpo é amado e fetichizado nos meios de comunicação de massa, visto como objeto de desejo, ele se torna alvo de pudor por ser notado pelos outros ou por não se conformar aos padrões, então as pessoas fazem cirurgias plásticas, utilizam produtos químicos para mudar tonalidades de cabelos, tudo isso com o anseio de se tornar algo que não são, de superar, talvez, a sua condição humana. “Hoje, as fisionomias produzidas sinteticamente mostram que já se esqueceu até mesmo de que já houve uma noção da vida humana”. (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.146).

O fenômeno da Indústria Cultural submete às pessoas seu material alienado com relação à realidade, seu material não humano, seu estilo sem estilo, a ‘caricatura do estilo’, o qual é obedecido sem questionar e muito menos pensar, pois “o inimigo que se combate é o inimigo que já foi derrotado, o sujeito pensante” (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.140). Será que ainda há pensamento, reflexão?

É necessário rever estes conceitos, pois a Indústria Cultural pode fazer o que quiser das pessoas. O que a torna ditatória e dominadora, controladora dos “desejos humanos”, pois muitas vezes determina e não sugere, o tipo de pessoa que se deve ser a cada época, – as cores que se deve vestir, as medidas da mulher e do homem sarados, os estilos de sapatos, as cores e cortes de cabelo da moda – que padrão deve ter para ser aceito, ou se é ou não. Não há meio termo para este mercado que vende estereótipos.

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo absoluto. Reduzida ao estilo. Ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura (HORKHEIMER e ADORNO, 1985, p.123)

A ‘cultura de massa’ manipula a sexualidade do corpo feminino facilmente e a deturpa em meios de comunicação de massa: na televisão, a mulher seminua aparece vendendo goma de mascar, em seguida, outra vendendo cerveja, sendo vulgarmente chamada de “gostosa” ou “bucha”, nos programas de televisão. Há algum tempo atrás era (e ainda continua sendo) muito comum ver mulheres expondo seus corpos de forma vulgar, encenando ou repetindo os passos de uma coreografia qualquer da música da época.

E muitas vezes, almejando entrar no coletivo, há pessoas que se submetem a duras penas, como tentar mudar sua aparência usando métodos de emagrecimento, de cirurgias corretivas ou de aumento de determinadas medidas antropométricas, tornando-se coisas e não mais pessoas com valores e dignidade.

Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados. Isto combina com a disposição de tratar outros como sendo uma massa amorfa. Para os que se comportam dessa maneira utilizei o termo caráter manipulador (...) se distingue pela fúria organizativa, pela incapacidade total de levar a cabo experiências humanas diretas, por um certo tipo de ausência de emoções, por um realismo exagerado”(ADORNO, 2000, p.129 - grifos do autor)

Não se pode dizer que não há culpados pela submissão das pessoas a certos paradigmas, como os tabus, que somente servem como meio de manipulação e subserviência. Pois:

Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. (ADORNO, 2000, p.121).

Se as pessoas não refletirem sobre si mesmas, não alcançarão a autonomia para refletir sobre suas relações, não conseguindo chegar à consciência. E tal consciência é constantemente posta em contradições pelas próprias situações sociais. E muitas vezes por ingenuidade, as pessoas acabam associando a si mesmas o fato de o seu “destino”

dentro da sociedade estar sendo tão duro e penoso, achando-se despreparadas, ignorantes, e não atribuindo isto a todas às manipulações políticas feitas por “superiores”.

Conforme este pensamento, acredita-se que mudanças podem ocorrer, com a força da democracia. E isto faz com que o coletivo seja a tendência, a única esperança, anular-se em busca do poder, da autoridade. Assim sendo,

Personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independente de seu conteúdo. No fundo dispõem só de um eu fraco necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada pelos mesmos.(ADORNO, 2000, [s.p.]).

Mesmo que esse coletivo não seja unido, estar integrado é o mais importante que todos estes outros problemas. E tratando-se de escola, estes modelos tendencialmente serão imitados, oferecendo ao professor mais uma responsabilidade, a de mediar estas situações, pois a escola faz parte da realidade “externa” aos seus muros. Quem poderá ser/estar contra estes preceitos, que se configuram em tabus, em paradigmas e, sobretudo se colocar de fora desta realidade? Segundo Horkheimer e Adorno (1985, p.123) “quem resiste só pode sobreviver integrando-se. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, ele passa a pertencer a ela assim como participante da reforma agrária do capitalismo”.

Todos os horários de permanência do adolescente na escola propiciam a ele um espaço de aprendizagem, seja ela significativa ou não, a qual se traduz em conhecimentos acerca do seu corpo e do outro.

E tratando-se de aprendizagem, de realidade escolar, somente vivenciando, estando imerso nesta é que se pode entendê-la e interpreta-la com mais propriedade, pois qual seria a maior fonte de conhecimento sobre a escola que ela mesma?

Dentro do contexto escolar, é possível entender diversas situações, vendo-se enquanto aluno e professor. A busca pelo conhecimento em sua raiz é muito mais rica que a simples pesquisa em livros, por estar permeada de sentimentos e valores, convive-se com pessoas e todos os seus problemas e inconstâncias, por isso da subjetividade da pesquisa. Ainda mais se tratando da realidade escolar, considerando todas as suas diferenças e dificuldades.

2.2 VAMOS VER O QUE ACONTECE NA EMPIRIA ?

2.2.1 O Colégio: problemas, dilemas... aceitar ou questionar?

O Colégio está localizado geograficamente em um bairro da periferia de Curitiba, próximo da região Metropolitana desta cidade. O bairro é considerado pelos próprios moradores como tranquilo, ideal para se morar, e fazendo-se uma caracterização primária, pode-se encontrar desde casebres simples, sobrados bem vistosos a casarões espaçosos. A vizinhança é aparentemente receptiva, na qual quase todos se conhecem desde a fundação da vila.

Os alunos costumam frequentar as aulas com fichários, tênis, mochilas e outros acessórios considerados de marcas “boas”¹⁰.

A partir de pesquisa feita para averiguar e/ou discordar dados apresentados pela observação e pela revisão bibliográfica, realizou-se também um questionário (ver anexos) com os alunos desta sala observada, e constatou-se que as famílias possuem em média 2 a 5 salários com 50% dos casos, de 6 a 11 salários em 35,7% dos entrevistados e de 12 em diante, com 14,3%.

Averiguando estes dados, pode-se questionar se os adolescentes não estariam se deixando influenciar pelo pensamento dos colegas que são mais bem providos financeiramente ou mais especificamente das imposições da Indústria Cultural, que prega que é necessário que o indivíduo possua tatuado em seu corpo, os signos de “sua tribo” e passe adiante o pensamento desta através de palavras características, da vestimenta, dos gestos, que se caracterizam como formas de obtenção de *status*, de identificação com algum grupo.

Isto pode ser relacionado ao que ao que Zuin, chama de “publicização do corpo”, a busca pelo destaque, reconhecimento, diferenciação, onde “o corpo que se

¹⁰ Horkheimer e Adorno (1985, p.150) vêem que “para os consumidores nada mais é caro. Ao mesmo tempo, porém, eles desconfiam que quanto menos custa uma coisa, menos ela lhes é dada de presente”, atestando assim que as marcas consideradas “boas” nem sempre são as de melhor qualidade, durabilidade, ou outro adjetivo qualquer, e sim as de maior representatividade no mercado consumidor dos adolescentes, que geralmente são as mais caras, as quais são mais bem conceituadas por estes.

torna publicidade de si mesmo, como se fosse uma mercadoria que precisa chamar a atenção do consumidor em meio a tantas outras” (2003, p.41).

O adolescente pode vir a buscar meios para mostrar que faz parte de um grupo e ao mesmo tempo, talvez tentar se destacar dos demais por alguma peculiaridade - previsível dentro do contexto da Indústria Cultural - denominada estilo.

Segundo Adorno, todas as idéias já existiam, só faltava estabelecer que seriam inscritas enquanto da época adequada para o consumo, época em que esta faria falta e seria consumida (1985, p.126), ou seja, não importa o que se ache que criou ou inventou para a Indústria Cultural, pois ela vem com aquele velho ditado, como uma grande cortada do vôlei e diz “nada se cria, tudo se copia”, logo se pensa que não existe mais autonomia, nem mesmo para o pensamento criativo.

A base desta discussão, a escola, a instituição incumbida de gerar e transformar saberes (?), a qual é freqüentada por estes adolescentes poderia ser considerada de médio porte, pois é composta por um prédio central, no qual existe a secretaria, orientação, sala dos professores, sala do xerox, recepção, entre outros; o segundo prédio, com seis (6) salas de aula, pátio coberto, cantina e refeitório. Ao lado deste bloco, ainda na parte superior da escola, há uma sala de informática e a biblioteca. Descendo as escadas, o terceiro pavimento com mais salas e laboratórios, onde os corredores dão acesso ao quarto e último bloco de salas (onde a primeira é de Educação Física).

Existem ainda as quadras – que muitas vezes foram e serão o palco desta discussão – que estão entre os três últimos blocos, a arquibancada, a quadra superior e a quadra inferior, as quais são cercadas por uma grade, onde tem três portões, um logo acima, no segundo pavilhão, outro logo abaixo, que dá acesso ao terceiro e quarto pavilhão. Da biblioteca também existe um portão que sai direto na arquibancada (o qual quase sempre está trancado e geralmente é usado para dias festivos para cantar o Hino Nacional).

A escola atende a alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental à Tarde e principalmente o Ensino Médio no período da Manhã, não misturando tanto os “menores” com os maiores, medida tomada talvez para evitar a violência contra estes e

para acostumar as turmas de Oitavas Séries no período da manhã, preparando-os para o Primeiro Ano do Ensino Médio.

A grande maioria das pessoas da comunidade já passou por este estabelecimento escolar – por já ter estudado neste ou pelos seus filhos o terem feito – e segundo algumas conversas com pais e professores presentes na escola, aparentemente há um respeito muito grande pela instituição, a qual é vista por eles como um colégio de “qualidade”.

Percebeu-se em relato do Primeiro dia de Observação depois de uma observação mais que esta “é uma instituição deveras organizada, onde se vêem poucos alunos fora da sala, nas outras salas não há silêncio, mas há um certo comando/controle dos professores” (Caderno de Observações, 15/03/2004).

Esta busca pela civilização dentro da sociedade priorizada na escola, deixando de lado seus instintos mais primitivos, a busca pela dominação da própria natureza para se auto-atribuir características coletivas, tornar utilitárias suas ações, adquirir valores histórico/culturais e tornar-se um cidadão, é um processo meio que desesperador, por mais que o ser humano seja um ser social. Como diria Adorno,

Facilmente os chamados compromissos convertem-se em passaporte moral – são assumidos com o objetivo de identificar-se como cidadão confiável – ou então produzem rancores raivosos psicologicamente contrários à sua destinação original. Eles significam uma heteronomia, um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que são assumidas pela razão própria do indivíduo. O que a psicologia denomina superego, a consciência moral, é substituído no contexto dos compromissos por autoridades exteriores (2000, p.124)

Pois se considera que “os seres humanos revelem uma tendência inata para o descuido, à irregularidade e a irresponsabilidade em seu trabalho, e de que seja necessário um laborioso treinamento para que aprendam a seguir o exemplo de seus modelos celestes” (FREUD, 2000, [s.p.]). E estes modelos idealizados pela sociedade seriam o da produtividade, da utilidade proposta pela sociedade de consumo. O que torna esta análise favorável a um ponto de vista da classe dominante, que espera isso dos “novos cidadãos”. A própria educação carrega uma dicotomia, pois o processo civilizador, é um domínio da natureza, e segundo Horkheimer e Adorno (1985) este processo se configuraria enquanto barbárie.

Ao perguntar a uma funcionária (pedagoga) sobre a metodologia de ensino da escola, a mesma informou que a escola se embasa na metodologia progressista, o que confirma as considerações acima, pois este tipo de metodologia prioriza a capacitação do ser humano pelo trabalho e para o trabalho. E não se sabe se isso realmente acontece na escola, pois se considera que somente as aulas de Educação Física seriam insuficientes para definir como uma ou outra teoria/tendência da Educação.

O que se observou é que nem no Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) da Educação Física nem mesmo na sua prática ficou claro ou fácil de definir algo, e nem se sabe se a intenção é realmente tentar passar o conteúdo e/ou encaminhar o processo pedagógico por algum viés científico.

Entende-se também que este fato pode ser atribuído às discussões presentes principalmente a partir da década de 80, quando o discurso progressista adentra nas discussões educacionais brasileiras. Este então ressoa nos espaços escolares como a moda nas vitrines. Entretanto, não se consegue detectar tais questões neste documento por diferentes motivos, como falta de clareza sobre as teorias educacionais, falta de uma formação continuada, entre outros.

Já em se tratando de relações interpessoais na escola, deve-se analisar a fundo estes aspectos, como o professor se posiciona frente à turma, como os alunos se comportam uns com os outros, para favorecer uma discussão e observação mais sistemática dos fatores que envolveriam os tabus dentro e fora de sala de aula. Assim pode ser tomado um melhor posicionamento sobre o processo educacional, tomando-se os devidos cuidados com o trabalho para se dar de forma mais bem guiada e comprometida.

Há nisto evidentemente uma crítica ao próprio processo educacional, que até hoje em geral fracassou em nossa cultura. Este fracasso é atestado também pela dupla hierarquia observável no âmbito da escola: a hierarquia oficial em que a força física, o “ser homem” e todo um conjunto de aptidões prático-físicas não honradas pela hierarquia oficial desempenham um papel. (ADORNO, 2000, [s.p.])

Foi visualizando as relações escolares entre professor-aluno, aluno-aluno, que pôde ser notada uma hierarquia presente nas aulas de Educação Física durante o período de observações quando uma turma de alunos mais velhos estava ocupando a

quadra, como em relato do 4º Dia de Observações (Caderno de Observações, 25/03/04) quando “ao chegar em quadra, à turma se depara com uma das turmas do 2º ano. A hierarquia os impede de participar do jogo e eles ficam de fora”. Nesta análise, como já havia acontecido em outras situações, foram identificadas características de uma das hierarquias do cotidiano escolar, a qual está sendo assimilada pelos partícipes desta realidade, levados a aceitar e se condicionar a esta situação, até que chegue sua vez de fazê-lo.

Em situação semelhante, em outra semana, (Caderno de Observações, 10º Dia de Observação, 15/04/04),

Ao acabar o jogo, faltando 20’ para o final da aula, o professor dispensou a turma. Eles saíram e se dispersaram, pois a turma do 2º ano ocupava as 2 quadras e a arquibancada. Os grupos se separaram e cada um foi fazer alguma coisa em um canto da escola.

Este e muitos exemplos semelhantes poderiam ser citados de todos os 36 dias de Observação, mas é necessário também refletir sobre os outros tipos de hierarquia, como a oficial, por meio da autoridade, da experiência, do saber, a qual é o professor que exerce, “um tal arcaísmo correspondente à profissão do professor (...) quando ralham, repreendem, discutem etc; atitudes tanto próximas da violência física quanto reveladoras de momentos de fraqueza e insegurança” (ADORNO, 2000, [s.p.]). Quando o professor desconta sobre os alunos seu impulso repreensivo, está descontando todo o seu rancor, que constitui toda a dimensão da sua fúria pelo que a sociedade impôs, o “ressentimento do guerreiro” (ADORNO, 2000, [s.p.]), o qual não pode mais exercer sua autoridade pela força física e tem que exercê-la por outros meios, como as provas, os trabalhos, os pontos por participação.

O fato de a espada ser mais poderosa que a caneta, mesmo que muitas vezes possa parecer o contrário, não passa despercebido pelo professor, o alvo da projeção de sentimentos ambivalentes, pois, se por um lado, ele é invejado por dominar habilidades concernentes à dimensão do espírito, por outro lado é humilhado por não poder fazer uso da força física para que possa ter êxito em seus propósitos, como se estivesse afastado dos problemas relativos aos fenômenos materiais (...) a sociedade que o capacita a punir os alunos é a mesma que lhe proíbe o exercício das punições físicas. (ZUIN, 2003, p.418-419)

O contraditório da profissão de professor, a desvalorização do nome, vinda já dos tempos remotos, passa a ser a razão pela qual o próprio professor tem vergonha de dizer que é professor, da sociedade não valorizar este profissional enquanto dotado de uma autoridade autêntica, de um título de “Senhor”. Pois sua incumbência autoritária não passa dos portões da sua escola.

E talvez na ansiedade de não ser o único alvo da impiedade da sociedade, até mesmo o assédio moral é uma forma de conseguir a autoridade, por meio do medo que causa nos alunos em serem ridicularizados. Este ato pode ser iniciado muitas vezes pelo professor dentro de sala e seguido pelos colegas.

Quando o professor exalta um aluno, compara, apelida ou mesmo repreende, deixa margem para que os colegas façam destes alvos de gozação, talvez o façam por pouco tempo, talvez para o resto do ano letivo e até mesmo em alguns casos para o resto da vida. “O professor percebe que o êxito profissional também depende de um trabalho de classificação e ordenação dos alunos, os quais passam a ser rotulados com certos estereótipos de fácil identificação” (ZUIN, 2003, p.421).

O êxito profissional do professor, além do comprometimento com a prática docente, depende de um comprometimento com a própria formação, com a leitura e a participação constante em discussões e debates, a qual também depende de um apoio da instituição escolar na qual se atua, que nem sempre se mostra muito preocupada com o seu acesso a uma qualificação profissional continuada e a um material didático/pedagógico mais eficiente e/ou mesmo diferente, consistente para que possa investir na melhora do processo educativo, o que se reflete na qualidade da prática cotidiana e no nível dos trabalhos realizados na área escolar e, conseqüentemente da classe.

Isto leva a considerar que a qualidade do ensino passa a não ser mais somente de cargo do professor, que mesmo que se esforce, muitas vezes, não consegue sozinho (considerando a grande carga horária a que muitos são “obrigados” a cumprir para alcançar um teto salarial “descente”) realizar um trabalho mais fundamentado e/ou sustentado por subsídios teóricos, o que acaba optando por seguir o projeto político pedagógico da instituição (muitas vezes de escrita não muito clara – talvez mal

elaborada - ou inacessível ao nível de conhecimento teórico do professor) ou nem mesmo isso.

Levando-se em conta tais considerações, observou-se que tal estabelecimento escolar, enquanto instituição pedagógica, em diversos momentos fez reuniões para discutir o aproveitamento dos alunos (notas e comportamento) e com os pais dos alunos com problema de notas baixas (quando abaixo da média da escola, que é 5,0). O que pode ajudar no trato com os conteúdos, mas não tanto com relação à qualidade do que é trabalhado nas aulas, que pode não estar sendo repensado nestes momentos, como diria, seriam “elefantes brancos” do processo educacional.

Cada escola deve ter o seu Projeto Político Pedagógico (P.P.P.), o qual discorre sobre a filosofia, o trato pedagógico das disciplinas, prioridades, finalidades, entre outros; e é (re)elaborado pelas(os) pedagogas(os) e diretoras(es) das escolas a cada troca de mandato. No P.P.P. da escola pesquisada, o capítulo da Introdução, discorre sobre o que a instituição pensa a respeito de preocupações, como a repetência e evasão escolar.

Os profissionais da educação entendem que vários fatores influenciam no fracasso escolar:

1º.) A democratização da escola, não é fácil, pois implica numa revisão das relações sócio-políticas entre pais, alunos e professores, como também compreender as relações de poder que se estabelecem na escola entre o currículo, os métodos de ensino e a avaliação;

2º.) As condições nas quais se desenvolve o trabalho do professor, a falta de recursos didáticos, de tempo disponíveis para a preparação de material didático, a inexistência de assessoria pedagógica e educacional e as medidas pedagógicas e administrativas;

3º.) É comum encontrar, entre pais, professores e alunos, forças que dificultam a construção do processo democrático na escola, muitas vezes os professores apontam como causa do fracasso escolar a omissão dos pais em relação a vida escolar dos filhos, sendo que é fundamental a participação dos pais em relação a vida escolar dos filhos, sendo que é fundamental a participação dos pais para essa construção.¹¹ Por outro lado os pais dos alunos revelam um alto grau de insatisfação com os filhos, dizendo que “o filho não consegue aprender”, (...) deixando assim os pais desinteressados pelos problemas escolares, atribuindo aos filhos a culpa pelo próprio fracasso.

4º.) Os mecanismos de seleção e fracasso escolar são produzidos de diversas formas:

- o acesso à escola (são poucos os que tem acesso à escola);
- repetência e evasão (altos índices de evasão e repetência);
- a escola produz a pedagogia conservadora mantendo as diferenças de classe, Ex: aluno ideal, baixa expectativa dos professores com relação aos alunos, atitudes de desvalorização ou

¹¹ Esta redundância está presente dentro do texto da introdução, talvez seja um erro de digitação ou mesmo uma falha intencional com o objetivo de reforçar o fato de os pais terem por obrigação participar mais da vida de seus filhos; pois dentro do próprio campo de observações, várias vezes se ouviu reclamações sobre a não participação dos pais, tanto é que a escola faz a cada final de bimestre um espaço para os pais dos filhos que tiraram notas vermelhas, marcarem horários com os professores das disciplinas em que houve problemas e discutirem sobre a situação.

autodesvalorização, a forma de ensino (repetitividade), a avaliação (através de instrumentos que legitimam a seletividade). (2004, p.6)

Embora manifesta nos escritos acima, pergunta-se se há mesmo uma preocupação com alguma forma de auto-avaliação (do professor), pois em vários momentos pode-se atribuir a “culpa” a alguns alunos, que não estudam e/ou que não se interessam, ou mesmo aos pais, que não dão motivação ou não participam, mas é necessário assumir também o professor enquanto ser humano, que também comete erros, que talvez não dê tanta credibilidade ou não se interesse por que ganha pouco (aquela velha história...). Pode ser que haja no íntimo de cada professor esta preocupação, mas é necessário questionar até que ponto está sendo posta em prática esta auto-avaliação, esta conscientização para um novo trabalho, mais motivante e próximo à realidade do aluno.

Quanto a isso, pode-se dizer que em matéria de proximidade com o educando a escola está buscando, pois dá acesso a diferentes manifestações da cultura: faz eventos de skate, traz artistas para fazer palestras e apresentações aos alunos sobre questões do cotidiano; ética, sexualidade, entre outros. Além de favorecer a comunidade em participar da estrutura da escola através da APM¹², a qual possui uma sala no interior da escola, agregar órgãos independentes, como o Interact¹³, o grupo escoteiro, além de já ter sediado cursos de informática terceirizados, grupos de dança, de canto.

Questiona-se, no entanto qual seria o nível de discussão/reflexão desenvolvido pela escola em conjunto com o corpo docente e as atividades extracurriculares ofertadas, pois maioria dos alunos nem sabe de algumas atividades, nunca participou, e em outras, se participa, nem sabe o sentido de tais atividades. Portanto, seria necessário desenvolver um trabalho mais reflexivo sobre tais projetos, eventos e órgãos presentes na escola.

¹²O conselho (ou associação) de pais e mestres é constituído dentro da escola com o objetivo de promover a maior integração escola/família, constituído por uma votação da comunidade para eleger dentre os pais de todos os alunos (e os interessados), os que vão trabalhar na escola para a realização de atividades em benefício dos próprios alunos e da escola.

¹³ Interact trata-se de um grupo vinculado ao Rotary Club Internacional destinado a jovens até 18 anos de idade. Seu principal objetivo é preparar estes jovens para uma futura entrada nos seus outros clubes, tais como Rotaract (jovens de 18 até 30 anos) e o próprio Rotary Club. Entende-se que a função destes clubes na sociedade mereceriam ser melhor discutidas. Entretanto, esse não é o foco do presente trabalho.

Antônio Zuin, questiona-se quanto a algumas tomadas de posição do professor e utilitarismos pedagógicos e retrata que:

O aluno dissimula uma aparente concordância com a metodologia pedagógica do professor, mas é um fingimento que se torna complacente com a crença do professor (que ele sabe, no seu íntimo, ser falsa) de que o corpo discente está de fato aprendendo o conteúdo ministrado na sala de aula: é o chamado pacto de mediocridade tacitamente acordado entre os agentes educacionais. (2003, p.424) (grifos do autor).

É necessário se perguntar sobre que tipo de conscientização estes alunos estão desenvolvendo: se estas atividades curriculares ou extracurriculares estão sendo refletidas e discutidas pelos ou juntamente com os alunos em sala de aula ou somente estão sendo “passadas” de forma mecanicista à mercê de suas próprias conclusões? Ou novamente está sendo “xerocado” e assinado o tratado de mediocridade? Qual o sentido de cultura esta sendo desenvolvido?

Para Freud o sentido de cultura vem impregnado de um contexto das produções da humanidade: “reconhecemos como culturais todas as atividades e recursos úteis aos homens, por lhes tornarem a terra proveitosa, por protegerem-nos contra a violência das forças da natureza, e assim por diante” (2000, [s.p.]). Associando-lhe o sentido de civilização.

Esta “preocupação” está sendo contemplada com o êxito esperado? Se não, quais seriam as maneiras que estão sendo buscadas para desenvolver esta consciência? Será que realmente há uma discussão, um incentivo ao questionamento de valores, ou somente esta “dupla realidade” é exposta (se é que esta é apresentada realmente) sem haver uma reflexão, sem receber críticas?

Primeiramente é necessário conhecer o público alvo com todas as suas características, problemas e dificuldades, para mais tarde atentar-se melhor para o caminho a se percorrer para chegar a uma nova elaboração pedagógica e/ou tomada de direcionamentos.

2.2.2 Conhecendo nossos anjinhos e diabinhos...

A turma observada é um Primeiro Ano do Ensino Médio, a segunda turma mais “problemática” dos primeiros anos, segundo relatos de professores, com relação a comportamento e de notas.

Em contraposição à opinião destes professores, algumas alunas relataram em uma conversa informal, que sua turma é uma das melhores para se ter aula, pois quase sempre “coopera” com os professores, além de ter se mostrado amistosa e receptiva com elas que afirmaram terem passado por outras turmas, onde tiveram problemas com algumas alunas, antes de ser transferidas para esta.

Esta sala, no início do ano tinha 42 alunos, dos quais 25 eram meninas e 17 meninos. Atualmente, após mudanças nas regulamentações educacionais¹⁴, há 46 alunos na chamada (sendo que dois deles constam no registro da escola que foram transferidos/remanejados e outros três constam na chamada, mas não há registro de suas notas e/ou aproveitamento).

A predominância de meninas pode ser a causa para o fato de alguns grupos de meninos se isolarem quase que totalmente do restante da turma, principalmente “os do futebol”, que logo após jogarem, sentam na arquibancada e ficam somente olhando, sem “se misturar” muito com o restante da turma, talvez por vergonha das meninas que, em geral, possuem grupos maiores. Muito embora haja algumas exceções, como um grupo misto composto por duas meninas e um ou dois meninos.

Uma das meninas costuma tentar se diferenciar por imprimir em seu corpo características masculinas, com gestos, palavras, timbre mais grosso (que dá para ver que é intencional, e não sua verdadeira voz), enfim, não age como as outras, e sempre interage com os meninos, mas somente com uma ou duas meninas mais freqüentemente. Talvez ela ache que as outras sejam “afeminadas” demais, e não gosta de se vestir como menina por sentir vergonha de seu próprio corpo.

Pôde-se notar também que estes grupos geralmente são indissolúveis, tanto dentro como fora de sala, os “meninos do futebol” ficam sempre juntos; as meninas e o menino que têm o grupo maior da sala, os quais sempre participam de atividades em

¹⁴ Está sendo imposto às escolas que cada sala de aula deve conter um aluno por metro quadrado, para que as mesmas possam ofertar mais vagas para a sociedade, cortar o número de professores e, conseqüentemente economizar, mais uma vez em educação, que deveria ser a maior prioridade dos governantes, mas esta questão não é o foco de atenção do presente estudo.

quadra; além de grupos menores compostos somente de meninos e/ou meninas, de duas, três ou quatro pessoas.

As coisas não acontecem apenas num plano claro e evidente, mas que há também nas salas e nos demais ambientes escolares uma multiplicidade de grupos e que esta configuração facilita fluxos paralelos, concorrentes de representações e de valorações, algumas conscientes, muitas num fluir subterrâneo, ou melhor, numa dimensão de motivações subjetivas inconscientes.(RAMOS DE OLIVEIRA, 1995, p.126)

Mas estas configurações são uma imposição da Indústria Cultural, que quer impregnar em todos sua ideologia. Estas representações só se modificarão na medida do viável para os interesses necessários, para que o consumo aumente, e estas motivações passam a não ser tão subjetivas e tão inconscientes assim.

Dentro de aspectos organizacionais da escola, onde os interesses se dão a um plano mais “pedagógico”, pode-se enquadrar a orientação educacional. Segundo algumas observações, pôde-se constatar que ainda conserva um modelo tradicional de manutenção da disciplina, a mudança de localização dos alunos, cada um deve permanecer em uma carteira em específico dentro de sala.

Nessa distribuição de espaços individuais a escola se utiliza de um mecanismo de controle e regulação dos corpos bastante eficiente: o espelho de classe que é um mapa de onde cada um deve sentar dentro da sala, usado para separar grupos de conversa e buscar silêncio. (FRAGA, 2000, p.46)

Esta organização é feita pelo professor representante juntamente com a monitora de sala. Após esta mudança, a conformação dos grupos internos da sala se diferencia da inicial.

Porém questiona-se a real intenção desta mudança, seria em razão da manutenção da disciplina ou na talvez intenção de tentar fazer com que alguns alunos que antes não se falavam tanto se comunicarem agora com maior frequência, rompendo com algumas limitações iniciais dos “grupinhos” que existem nesta sala.

A distribuição espacial dos objetos e dos alunos na sala de aula facilita, portanto, a eficiência do olhar “classificador” do professor que pode rotular o aluno com mais propriedade, com o objetivo de otimizar o tempo de aprendizagem dos conteúdos transmitidos. (ZUIN, 2003, p.421)

Este processo é dicotômico em demasia, pode ser que estas mudanças se dêem em razão do olhar controlador e classificador do professor, além das demais hipóteses formuladas acima, como a manutenção da disciplina e da ordem, bem como o rompimento de alguns grupos em específico e a formação de novos círculos de amizade.

Porém, esta forma de “organização” não trata os alunos adolescentes tentando dar a eles a autonomia necessária para pensarem e agirem por si mesmos, e nem mesmo dá a eles a oportunidade de falar o que acham ou se gostariam de opinar para melhorar alguma coisa; mas traz modelos paternalistas de controle, que simplesmente proíbem e não dizem o porquê, que vão pelo caminho mais fácil.

Pode até ser que haja uma conversa com eles antes, mas ao realizar a mudança, atesta a estes alunos que eles ainda são tachados como “crianças do prézinho¹⁵” e o preconceito não é só dos alunos pelos alunos, mas inicia-se na direção e vai até as carteiras.

E como era de se prever, os problemas da exclusão e de “mau comportamento” dentro de sala não melhoraram, pois os mesmos alunos antes isolados, continuaram o sendo, e as mesmas pessoas que antes se falavam, continuavam se falando. Mesmo com a nova conformação na sala, houve as mesmas discriminações e problemas, que como já disse, poderiam ser tratados de outra forma, que não somente nestas “mudanças”. Poderia vir acompanhada de uma conscientização por meio de conversas, debates, discussões com os grupos de maior incidência dos problemas, entre outras soluções complementares à inicial.

Com relação ao aproveitamento da turma, a mudança da conformação da sala pode até ter ajudado, mas não o fez com relação aos problemas de integração, agressões psicológicas e exclusões.

2.2.3 Notas: discussão dos problemas.

Tentando traçar as primeiras considerações e/ou caracterizações a respeito da turma observada, fez-se a análise das notas obtidas no final do primeiro bimestre do

¹⁵ Não se quer aqui menosprezar o potencial autônomo destas crianças, mas sim trazer à tona um discurso muito ouvido dentro das observações diárias diante de situações conflitantes tratadas pelo professor.

ano letivo de 2004. Almejou-se através deste estudo à obtenção de dados comparativos que possam basear teoricamente discussões sobre alguns tabus a respeito do “tipo” de aluno relacionado com estereótipos de rendimento escolar.

É necessário visualizar duas questões que se fazem fundamentais no momento de uma análise mais aprofundada. A primeira delas é de que nem sempre o esforço, mesmo que seja grande, que se faça com relação a uma disciplina vem a ser reconhecido, além de que a avaliação pode ser um processo reducionista e limitado a aspectos de pouca relevância aparente aos alunos, fazendo-os desestimular diante dos conteúdos preestabelecidos.

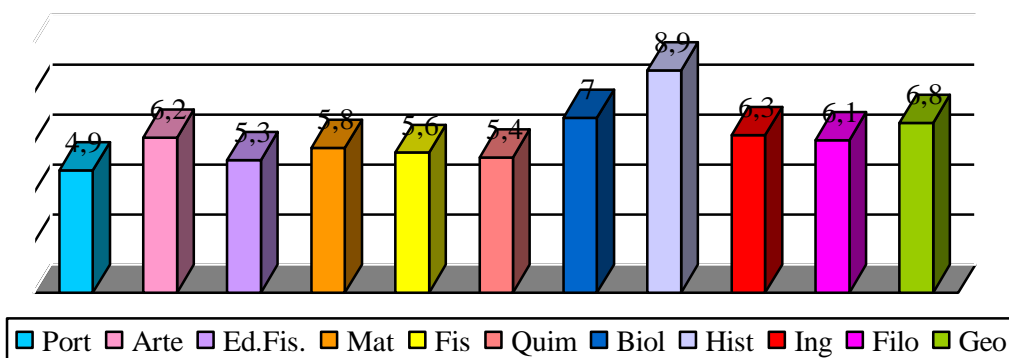
Portanto seria bem compreensível que alguns alunos que têm o desempenho bom em grande parte das disciplinas, venham a não ir tão bem em algumas outras, o que pode ser levado à diferença existente entre métodos de avaliação ou mesmo no gosto pelo conteúdo trabalhado.

Os conteúdos podem ser divididos em áreas de conhecimentos – humanas, exatas, biológicas, sociais, entre outras – que se diferem por linhas de pensamento, processos metodológicos, e são conduzidos pelos professores das respectivas disciplinas. Há professores que priorizam o processo de avaliação (avaliação qualitativa), outros já priorizam o resultado (avaliação quantitativa), e há ainda os que fazem valer estes dois tipos de avaliação, fazendo então uma média destes.

Como se podem ver, as diferenças existentes entre processos podem fazer com que as notas sejam diferentes dentre as disciplinas, tendo em vista também aspectos individuais dos alunos com relação a suas preferências e/ou afinidades com um ou outro processo, ou disciplina, ou ainda, professor.

Traçando uma estimativa, se encontram no Primeiro Bimestre algumas diferenças consideráveis entre as médias gerais das disciplinas, sendo que a Média da Educação Física se enquadra em uma das mais baixas de todas, atingindo um índice de 5,3, que é superada somente pela disciplina de Português (4,9) conforme o gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 – MÉDIAS GERAIS DAS DISCIPLINAS NO PRIMEIRO BIMESTRE DE 2004.

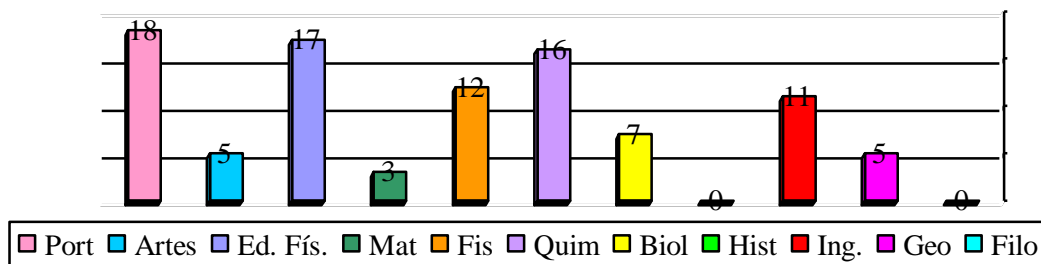


Analisando a atipicidade dos dados acima, onde a disciplina da Educação Física alcança uma das notas mais baixas da turma nesta escola, pergunta-se o que pode ter ocorrido para tal e qual seria a forma de avaliação utilizada neste caso.

Tendo em vista fatores observados durante o período de permanência dos alunos em sala e em quadra, vê-se que se trata de um colégio como outro qualquer, mas com problemas um tanto particulares quanto à questão de estabelecimento de novas formas de trabalho que possam subsidiar a participação efetiva de todos os alunos durante as aulas. O que pode estar levando a notas tão baixas.

Analisando-se esta questão é observada a quantidade de “notas vermelhas” (notas abaixo de 5,0) existentes nas disciplinas. A Educação Física está em segundo com 17 no total, sendo superada por Português (novamente), com 18 notas abaixo de 5,0 neste bimestre.

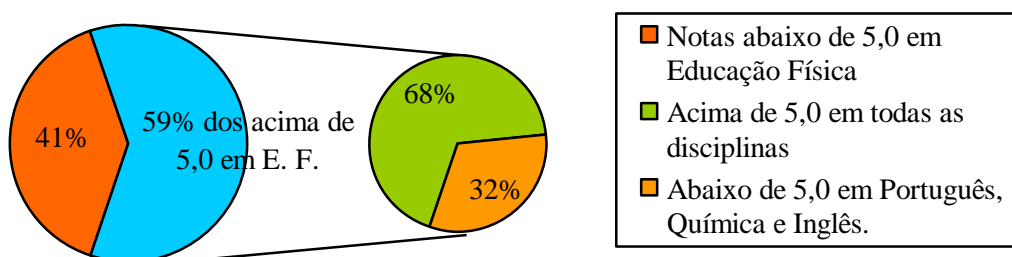
GRÁFICO 2 – NOTAS ABAIXO DE 5,0 NO PRIMEIRO BIMESTRE



E como se trata de um estudo a partir das aulas de Educação Física, é feita uma comparação específica das notas obtidas pelos alunos da turma de primeiro ano observada, onde se encontra uma grande quantidade de médias abaixo de 5,0 do total de alunos, com 41% dos índices, isto quer dizer que mais da metade não conseguiu se dedicar o quanto o professor esperava deles neste bimestre.

Dos outros 59% que tiraram notas acima da média em Educação Física, é feita uma comparação onde estes representariam o todo, dividido em duas partes. Agora há 32% que compõe os alunos que não tiveram notas baixas em Educação Física, mas em compensação atingiram médias abaixo de 5,0 em disciplinas como Português, Química e Inglês (como visto em gráfico anterior); o restante dos 68% não tiveram média abaixo de 5,0 em nenhuma disciplina.

GRÁFICO 3 – NOTAS DO PRIMEIRO BIMESTRE SUBDIVIDIDAS PELO APROVEITAMENTO DA TURMA.



Agora é cabível perguntar, quais são os “modelos” de comportamento dentro da sala. Serão aqueles que, por não tirarem notas abaixo da média em Educação Física,

não saem da quadra? Aqueles que tiveram um desempenho de notas acima da média? Ou ainda aqueles que tiveram quase todas as suas notas “vermelhas”?

O que é preciso saber para ser um bom aluno? É melhor ficar na média, passar da média ou nem se preocupar com isto? O que cada aluno deve ter feito para ser “retribuído” desta forma? Será que eles receberam retorno, além da nota/medida?

Observa-se nestes alunos questões muito complexas guiando seus modelos de comportamento e/ou atitudes referentes ao seu desempenho. Ao que tudo indica, existem dentro do âmbito escolar alguns tipos de comportamento que seriam priorizados em detrimento de outros e formariam uma espécie de hierarquia, a qual chama de “dupla hierarquia”, complementando ainda que o fracasso da instituição escolar pode advir da não percepção destes fatores na escola.

Um conjunto de aptidões práticas/físicas denominadas hierarquias não oficiais são honradas pela hierarquia oficial (notas, avaliações e etc), e há uma relação de respeito estabelecida a partir desta organização. As diferenciações são que: “a hierarquia oficial, conforme o intelecto, o desempenho, as notas, e a hierarquia não oficial em que a força física, o ser homem e todo um conjunto de aptidões prático-físicas não honradas pela hierarquia oficial desempenham um papel”. (ADORNO, 2000, [s.p.]).(grifos do autor).

E o que se pode complementar e/ou questionar a respeito destas considerações, é com relação às novas perspectivas e modelos de “força”: a saúde, a beleza, que seriam os substitutos da violência física – agressão.

Quem se enquadra nos padrões de beleza tem mais chance de liderar um grupo do que quem não é “belo” e admirado, mesmo que este último seja mais forte aparentemente, pois a popularidade é um grande indicativo de força, talvez possamos denominar “força política”, pois detém o poder da liderança do estilo, do fazer “moda”, que será seguida pelos colegas que desejam pertencer ao seu grupo/padrão.

Embora muitas vezes o professor se dê conta do que está acontecendo em sala de aula, nem sempre interfere, pois acha que o problema (que nem sempre é visto como tal) deve ser resolvido pelos próprios alunos (que não são mais “crianças do prézinho”), que sua opinião ou discussão poderiam “invadir” o espaço dos alunos. Mas é preciso saber realmente em que momento agir neste caso, pois a omissão do

professor pode se configurar enquanto um problema mais grave, pois seria a concordância com tais valores.

Observando este convívio dentro das aulas de Educação Física, teve-se a impressão de que a interferência por parte do professor se dava em momentos de manutenção da ordem, e não tanto em problemas mais pertinentes e necessários de um encaminhamento decisivo. E as notas eram uma maneira de manter a ordem destes alunos, que para esta escola e várias vezes para o professor, como dito antes, é um pouco problemática.

Segundo as observações diárias, pode-se discordar um pouco da questão de como é formada esta dupla hierarquia nos dias atuais, vendo o que realmente aconteceu neste bimestre.

Geralmente as meninas que sempre tiravam notas “boas” em outras disciplinas é que tiraram notas “boas” também em Educação Física. Estas meninas sempre estavam em quadra praticando o “esporte” do bimestre e obtiveram notas altas, chegando a tirar somente (ou quase somente) notas acima de 6,0 em todas as disciplinas. Estas meninas interagem com os meninos, que falam com elas e as respeitam. Elas participam de quase todas as aulas em quadra e têm uma nota condizente com sua participação, sabendo-se que o professor priorizou/prioriza este aspecto em suas avaliações.

E os meninos que sempre estão na quadra jogando futebol, nem sempre tiveram uma nota melhor que todos – novamente pelo tipo de avaliação priorizada pelo professor – fugindo um pouco deste estigma antes reafirmado do capitão do time de futebol, da líder de torcida e do “c.d.f.”, impostos pelos filmes americanos. No caso destes filmes, há sempre um grupo de esportistas dedicados, que são os “burros” nas disciplinas “que priorizam o intelecto” e os que são os “gênios” da sala de aula e ao mesmo tempo os “zeros à esquerda” na quadra.

Após a visualização destas diferenças tão exacerbadas pela mídia, as escolas devem ter começado a tomar um pouco mais de cuidado com este tipo de modelo, e a própria mídia se encarregou de fazer este tipo de alerta, como campanhas contra a agressão moral feitas em telejornais informativos (como o Globo Repórter) para alertar

a sociedade – principalmente pais e professores – de problemas referentes a comportamentos-problema de adolescentes.

Houve ainda casos em outro grupo distinto em que as pessoas tiveram um aproveitamento ótimo em quase todas as disciplinas, menos em Educação Física, o que se enquadra nos 41% expostos no gráfico acima (este dado se refere aos que tiraram nota abaixo de 5,0 em Educação Física).

Embora seja observada esta situação, é muito subjetivo saber o que se precisa melhorar só através de uma atribuição numérica. A dedicação e a participação são feitas através de gestos, palavras escritas ou ditas, o corpo diz muito mais que um simples instrumento de avaliação objetivo como a prova. Às vezes o aluno do jeito dele se dedicou, participou, ou mesmo gosta da disciplina, mas teve seus “momentos ruins” e não conseguiu dar o melhor de si nas aulas; o professor nem sempre sabe quando seu aluno tem problemas, sendo que é muito importante haver esta reciprocidade, amizade, dupla troca, o aluno ter um bom relacionamento com seus colegas, com seu professor e com a disciplina a qual o professor representa, estimulado pela força de vontade do professor em querer ensinar.

Quanto às reações do professor, “eles não devem sufocar suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma os alunos”.(ADORNO, 2000, [s.p.]), o que certamente é o mais fácil a se fazer, descarregar a raiva que se sente em forma de notas. Quanto a admitir seu lado humano e confessar que pode ser injusto sim e que é uma pessoa como qualquer outra suscetível a erros é bem mais difícil. E a autoconservação? E o instinto de autopreservação onde fica? O que seria mais importante senão o aprendizado do aluno? O retorno que lhe pode oferecer com as médias?

A avaliação não avalia o interesse com relação aos estímulos dados pelo professor, sendo que o mesmo não fica sabendo se foi o responsável pelo baixo desempenho obtido pelos seus alunos. Ou mesmo, às vezes nem se interessa em saber se aquele aluno que não participa se sente desestimulado por ver que sempre são os mesmos colegas que permanecem em quadra jogando, ver que estes não lhe dão

oportunidades para participar ou porque tem medo que dêem risada de seu “desempenho” durante a aula.

Na metade do ano letivo, o professor, apesar de não demonstrar, já conhece cada aluno pelas suas características individuais, mesmo que ainda não saiba o nome, atribuindo a ele expectativas, muitas vezes pré-conceitos e julgamentos com relação ao seu desempenho, o que acaba influenciando no próprio tratamento dado a estes alunos e estímulos a ele dedicados.

Pode-se até mesmo duvidar que o professor não saiba que determinados alunos sofram algum tipo de agressão (física ou psicológica), por serem considerados diferentes, para que os agressores possam se “destacar” em alguma coisa (exercendo talvez a dupla hierarquia). Geralmente quem comanda estes grupos são estas pessoas dignas do respeito atribuído pela experiência e/ou pelo destaque atribuído pelo seu comportamento perante os colegas, tipos de personalidade (o mais engraçado, o mais velho, o mais inteligente), ou mesmo força física, e esta hierarquia nem sempre se deixa influenciar por poder aquisitivo maior ou menor, e sim pela identificação com algum grupo. Muitas vezes a figura do principal agressor, corresponde à do próprio professor.

De fato, há oportunidades nas quais os alunos conseguem descarregar em outros colegas aquele ressentimento reprimido, bem como a sensação de onipotência que é prazerosamente fruída quando se assemelham aos professores que o agrediram. (ZUIN, 2003, p.425)

Quem determina se as agressões, o preconceito e os tabus irão se perdurar, sem dúvida é a figura do professor, que tem fundamental importância na reelaboração de conceitos dos alunos.

2.2.4 E no 2º Bimestre: o que mudou???

A avaliação pode ser uma prerrogativa da superioridade do mestre frente à turma. Quem determina o futuro dos alunos é ele. Logo, se deve a ele o fato de muitos alunos ainda estarem com suas notas abaixo da média, especificamente seus métodos de avaliação e maneiras de conduzir o processo.

Uma boa maneira de controle destes aspectos é através dos pontos por participação, que são muito valorizados pelo professor observado, que os destacava com 50% do valor atribuído. Depois de algumas discussões, esse valor é acrescido e passa a valer mais ainda, 70% da nota.

Esta mudança, a princípio veio para cobrir uma das notas que faltava por um trabalho que não fora realizado pelos alunos, talvez também fora pensada na questão da não participação dos alunos em sala, mas não na razão pela qual estes alunos não participam (trata-se da consequência, e esquece-se da causa).

Este “episódio” ocorreu no 25º Dia de Observação, (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 17/06/04) onde:

O professor colocou para a turma discutir no início da aula se queria aumentar em 2,0 pontos a nota de participação em aula, já que não teriam um dos trabalhos propostos no início do ano (por mim desconhecido). Com o aumento do valor, a nota pela participação ficaria em 7,0 pontos.

Foi feita uma votação de “levantar as mãos” para quem quisesse uma ou outra alternativa. Quem não quisesse, estaria optando por fazer um trabalho escrito.

Com exceção de três alunas, os demais quiseram o aumento da nota de participação.

As meninas propuseram que o professor desse a elas o trabalho escrito e aos demais, a nota de participação. Mas o professor falou que a decisão deveria ser tomada democraticamente e elas tinham que aceitar o que fosse escolhido pela maioria.

Elas teriam muitas razões para preferir o trabalho escrito. Seu comportamento demonstra que são bem dedicadas, costumam fazer os trabalhos escritos aplicados pelo professor. Uma delas senta-se na carteira que está logo à frente da mesa do professor e tem bastante contato com ele. O professor para convencer as meninas de que deveriam aceitar a opinião da turma, leu um texto sobre “o que é democracia?”.

E o problema chega a ser agravado pelo fato de o professor não creditar aos alunos sua condição humana e suas limitações pessoais com relação à integração com seus colegas e desmotivação pelas aulas, que em geral, nas quadras, não passa do “jogar a bola” segundo o tema da aula.

O aumento da nota de participação atingiu um dos objetivos talvez mais secundários para o professor, pois 50% dos alunos obtiveram aumento em suas notas, traçando-se uma média, chega-se a 1,45 pontos acrescidos (em média) do primeiro para o segundo bimestre. Já 33% obtiveram baixas nesta nota, sendo um valor considerável com relação ao primeiro, em média de 2,1 pontos subtraídos de suas notas do bimestre anterior.

Mas estes dados se tornam irrelevantes se considerarmos o efeito disto nas aulas, pois quase não mudou o interesse pela participação por parte dos alunos, que continuaram a ser os mesmos dentro e fora de quadra, praticamente.

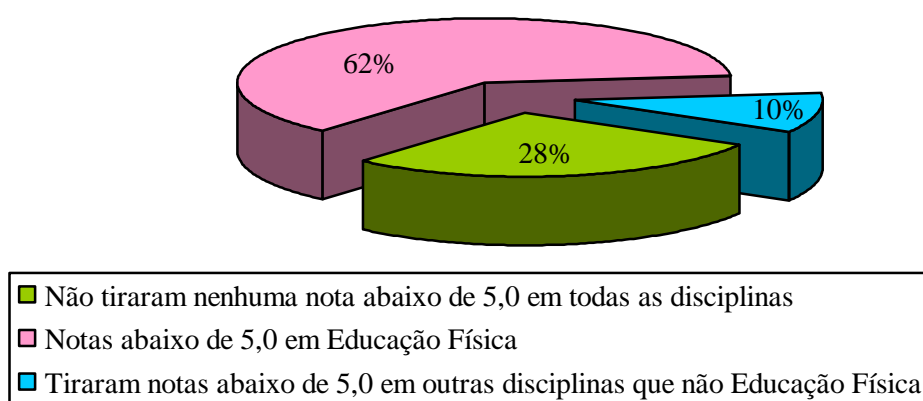
Participação pode ser entendida por vários sentidos, para o professor, seria quando o aluno faz a aula proposta do bimestre, por exemplo, o Basquetebol. E fazer a aula significa entrar em um time, passar a jogar ativamente, passando a bola, arremessando, enfim, tentando “se virar” na quadra, com ou sem orientação.

Neste sentido, para quem está olhando a aula de fora da quadra, por exemplo, algum professor de qualquer outra disciplina, irá avaliar a aula do professor como boa ou ruim ao se deparar com a quantidade de pessoas presente dentro da quadra realizando a atividade, não importa qual, mas analisará o professor pela sua autoridade e competência profissional indiscriminadamente.

Em outro aspecto, participação se reflete no pensamento crítico tanto dos alunos, quanto do professor e das pessoas de fora, pois irão apreciar a atividade e tirar dela alguma conclusão, se ela fora significativa ou não para eles. A qualidade do que fora trabalhado, a nota a que se atribui ao participante pela sua atuação.

Tendo em vista tais considerações, pode-se agora tecer algumas comparações diante dos resultados; das notas do primeiro e segundo bimestre.

GRÁFICO 4 – COMPARATIVO DE NOTAS ABAIXO DE 5,0 EM EDUCAÇÃO FÍSICA E DEMAIS DISCIPLINAS.

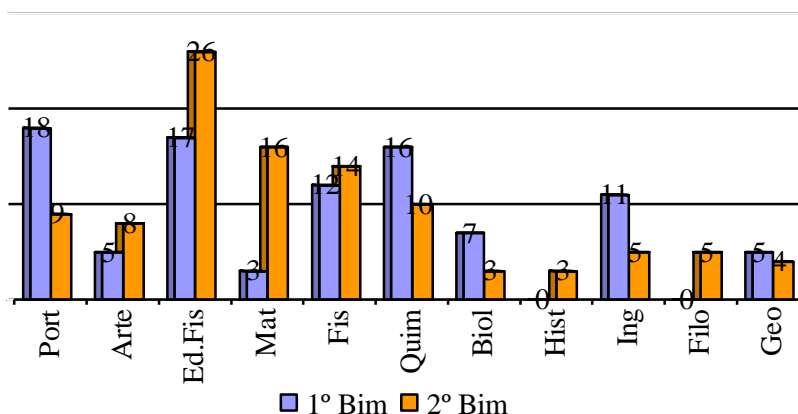


Analisando-se as notas no geral, 62% dos alunos tiveram suas notas abaixo da média (inferior a 5,0) em Educação Física e demais disciplinas, já em contraposição, 10% não tiraram notas abaixo de 5,0 em nenhuma disciplina, o que corresponde a um número relativamente baixo, se considerarmos que 28% tiraram notas abaixo de 5,0 em outras disciplinas que não Educação Física. Observa-se que a maioria dos alunos piorou em quase todas as disciplinas, sendo que um número bem pequeno de pessoas teve sua participação em quadra/sala em Educação Física reconhecido pelo professor.

Em 7% dos casos, não se sabe se os alunos estão ou não presentes oficialmente na turma, pois suas notas são muito baixas e em alguns casos, não há notas a eles atribuídas.

Com relação ao número de notas abaixo de 5,0 em Educação Física e demais disciplinas, cresce o número de um bimestre para outro – de 94 para 103, o que corresponde a 2 a 3 “notas vermelhas” por aluno.

GRÁFICO 5 – COMPARAÇÃO DAS NOTAS ABAIXO DE 5,0 DO PRIMEIRO E SEGUNDO BIMESTRES.



Este fato pode ter gerado ainda mais situações problema com esta turma, que traz consigo uma preocupação excessiva em estar participando das aulas, mesmo que estas não lhe pareçam interessantes, não sentindo liberdade nem mesmo de opinar ou reclamar para ver melhora.

Alguns alunos devem ter levado muita “bronca” dos pais por terem baixado tanto suas notas “Justamente em Educação Física!!” No 30º Dia de observações, um dia depois da volta das férias,

O professor novamente fala para a turma que esta foi a pior em notas (!). Afirma: ‘Nesta sala foi a pior média dos primeiros anos’. Disse que não sabe o que acontece com essa turma, porque tiveram 28 notas abaixo da média, enquanto que nas outras salas, foram apenas 6. (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 26/07/2004).

Um dia, após receber reclamações dos pais dos alunos sobre as notas, ele chegou em sala e falou sobre o desempenho dos alunos, completando com a frase “não vou pegar ninguém pela mãozinha e por dentro da quadra. Imagine!” (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 16/08/04, 35º Dia de Observação), mas o problema não seria bem esse, e sim o sistema de avaliação, a motivação pela atividade, a reflexão com os alunos sobre determinados comportamentos, sobre as discriminações e a hierarquia presente na sala, enfim, o problema não se resolve somente na pressão, mas sim nos diálogos, no comprometimento.

Houve neste mesmo dia um fato muito intrigante e triste. Uma das meninas, a mais tímida da sala, talvez preocupada com suas notas em Educação Física (quem sabe pela pressão dos pais por melhorar suas notas) e buscando participar da aula, permanece em pé por um bom tempo ao lado da quadra, e outra parte do tempo junto ao professor, que parece não ver a situação.

Ao chegar na quadra, após a chamada e o encaminhamento de um trabalho sobre corpolatria, a sala se divide em grupos para participar dos jogos de handebol. Então a menina mais quieta da sala fica em pé no meio da quadra enquanto as outras meninas fazem a escolha dos times (duas meninas escolhem as amigas para seus times, uma de cada vez) e falta uma, que (surpreendentemente) não é esta menina quieta, mas outra, de outra sala que está sentada na arquibancada. A escolha dos times é feita e o jogo inicia. A menina quieta antes se encontrava no meio da quadra, agora fica em pé logo atrás da linha que marca o “campo de futebol” da quadra. E suas colegas que não a chamaram para o time, agora a vêem e dão a ela suas blusas para que ela segure.

E as colegas que freqüentemente estão com ela sobem, sozinhas, para o final da arquibancada e sentam-se sem ao menos chamá-la ou trocar duas palavras com ela. O professor não toma nenhuma providência. (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 16/08/04, 35º Dia de Observação)

Vê-se que no trabalho que está sendo feito pode haver muitas lacunas, entre elas na percepção por um apelo quase que “desesperado” por conseguir a participação a que tem direito na aula, não sendo contemplado, as individualidades dos alunos estão

se perdendo em meio a conceitos e julgamentos de valores no momento “irrelevantes” para a gravidade da situação exposta. Por mais que tenha se esforçado para conseguir seu espaço dentro da quadra, não conseguiu e não irá conseguir sem a ajuda do professor que deveria pensar em abrir uma enquête para reflexão dentro da sala.

E novamente pode-se notar uma hierarquia comandando esta situação. Os que detêm o poder, neste caso, são os que têm uma maior habilidade, popularidade, “força política” é que podem escolher seu próprio time, sendo que a interferência do professor nesta parte inexistente. Sendo assim, suas notas continuarão baixas, desde que não haja um cuidado com tais fatores tão claros na observação destes adolescentes em sua permanência no ambiente escolar.

À primeira vista pode parecer um assunto desmerecedor de créditos, pois cada jovem tem seu grupo, suas afinidades, mas a partir do momento em que estas exclusões e formações de grupos começam a interferir emocionalmente e estruturalmente nas aulas, interferindo também nas notas e rendimento dos alunos, a preocupação deve ser redobrada pelo professor.

Vejamos novamente o exemplo da menina que queria jogar e as colegas não deixaram, suas notas devem ter baixado consideravelmente pela não participação nas aulas, já que esta medida é priorizada neste tipo de avaliação do professor. Logo, procurando superar o problema, procura participar, mas não pode pela formação da dupla hierarquia presente nesta turma, que é muito forte e discriminadora, somente os pertencentes a determinado grupo podem participar. Os que não tem determinados signos deste grupo são visivelmente deixados de lado, e isto é muito forte com as meninas desta turma.

2.2.5 As aulas de Educação Física

Ao observar as aulas de Educação Física, tem se dificuldades imensas dentro da obtenção de uma eficiente visualização, pois não se sabe se todos os momentos que estão sendo priorizados seriam os reais focos de observação, se estes se caracterizariam como importantes para o trabalho de pesquisa de campo etnográfica. Bem como as dificuldades de ordem de localização dentro do espaço de sala de aula,

para tomar cuidado em não tomar o lugar de algum aluno ou de se fixar somente em um ponto da sala, o que acabou acontecendo pelo espaço limitado da sala para a quantidade de alunos, (alguém acabava sempre sentando na carteira).

As aulas de Educação Física se dão tanto na sala de aula quanto no pátio, (somente dentro das quadras poliesportivas).

Dentro da sala de aula, foram trabalhados essencialmente conteúdos como xadrez (conteúdo trabalhado no primeiro bimestre), encaminhamento e recebimento de trabalhos da disciplina, apresentação de seminários, recados e bem poucas vezes, teoria dos conteúdos da Educação Física.

Os alunos, após cumprirem as tarefas as quais lhes foram incumbidas, são dispensados às quadras para que possam “jogar” os esportes que estão sendo o foco de trabalho do bimestre, se estes não conseguirem ou não quiserem “jogar” o determinado esporte, não ganham o ponto de participação a que teriam direito se o fizessem.

Há alguns alunos que “gostam” das aulas (bem como do professor) e outros que “odeiam”, e isto é facilmente observável em seus comportamentos e atitudes. Há algumas meninas de um determinado grupo que não participaram de nenhuma aula desde o início da observação, e ainda alguns meninos que não saíam da quadra durante as aulas, fazendo com que estes tenham presença marcante e notável.

O professor não tem tanta popularidade dentre os alunos, ele parece ser bem rigoroso e exigente quanto às pontuações e aos seus critérios de avaliação, o que faz com que os alunos criem uma certa antipatia pela sua pessoa, bem como um certo medo de assumir esta postura por serem reprimidos ou perderem notas.

Várias situações puderam ser observadas e ouvidas dentro da sala de aula bem como fora; antes de começar a aula, o professor estava em uma das mesas conversando com alguns alunos, quando um dos meninos entrou e deu “oi” para o professor, que pareceu não ouvir, então, ao dar as costas para ele, o aluno fez uma careta para o mesmo e sentou-se na sua carteira. Em outros momentos, chega-se a ouvir os alunos chamando-o de “idiota”, de “besta”, o que denota que podem não concordar com sua postura e/ou não se identificar com a pessoa do professor.

Em alguns momentos da aula, os alunos davam a entender que Educação Física para eles era essencialmente “jogar”, e que se não o fosse, seria somente um período

fora da sala onde poderiam estar encontrando distração. Demonstravam impaciência e que odiavam se não pudessem sair. Ao final da aula, principalmente, como após o seminário sobre sexualidade realizado nesta turma, como no dia 24/06/04 (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 27º Dia de Observação), durante um debate, “a turma conversa impaciente, pois a aula está no fim e eles não saíram”, não queriam nem participar porque estava querendo sair logo, até mesmo para ficar 5 minutos lá fora. A Educação Física é vista como alívio para o estresse, hora de folga, porque:

Mudanças manifestas fundamentalmente nas práticas e códigos corporais da sociedade ocidental, mantiveram a Educação Física numa condição de atividade catártica no interior da escola. O senso comum nos traz claramente essa visão quando nos aponta a Educação Física como muito importante para o dispêndio de energia. (TABORDA DE OLIVEIRA, 1999, p.3)

Talvez não haja um consenso ou uma maior conscientização por parte dos alunos, e um silêncio por parte do que ambos esperam que seja trabalhado nas aulas, faltou um tanto de diálogo sobre o sentido do trabalho com Educação Física, o que pode estar acabando por reforçar a dualidade corpo e mente, fixando as aulas somente enquanto espaço para a diversão, cumprimento de carga horária, descanso das disciplinas intelectuais,... Enfim, faltou um tanto de clareza neste trabalho.

O trabalho com o xadrez, para o professor pelo menos é justificado, enquanto “parte intelectual” da Educação Física, onde defende dizendo para os alunos “quem sabe vocês usam a cabeça um pouco, que não foi feita só pra ir criar cabelo, ir no cabeleireiro, não é só a Geografia que vocês tem que pensar (...) o xadrez é um jogo que usa o intelecto” (8º Dia de Observação, 08/04/03, Caderno de Observações).

Quem sabe, para este professor o esvaziamento das quadras não tenha muito sentido, pois talvez não saiba das consequências do próprio trabalho, pois além destes comentários desvalorizando a profissão, nem mesmo demonstra saber o sentido do trabalho com os “conteúdos base”, aonde o xadrez veio para compensar a falta de valor histórico e cultural dos outros conteúdos, os quais não usam o intelecto.

Isto significa que para praticar um outro tipo de atividade não precisa usar nada do poder de concentração, da iniciativa, da autonomia, das decisões rápidas, então neste caso, seria melhor tirar a Educação Física da escola e deixar o xadrez.

É preciso rever este discurso e muitos outros, pois:

Muito se tem discutido e já há muitos anos, sobre a pertinência da Educação Física no interior da instituição escolar. Sob os sinônimos de sentido, significado, relevância ou legitimidade, essa discussão tem atravessado os anos sem alterar de forma significativa o quadro atual da Educação Física no interior da escola. (TABORDA DE OLIVEIRA, 2000, p.12)

Se a valorização profissional não vier do próprio profissional, o reconhecimento pela profissão nunca irá aparecer. Considerando-se esta discussão, outra questão levantada é a autoridade demasiada do professor, a soberba intelectual que alguns mestres têm, sendo incontestável seu posicionamento e o conhecimento que é repassado aos alunos (mesmo que esteja errado), e o questionamento seria um crime.

Um exemplo para este fato seria no dia de um seminário sobre sexualidade, onde há uma exposição no final da aula algumas considerações a respeito do conteúdo levado pelos alunos. O professor falando sobre as fases do desenvolvimento da libido infantil, onde cita que a “fase fálica é quando a criança começa a falar” (25º Dia de Observação, 17/06/04, Caderno de Observações), há um certo ego sendo “massageado”, onde admitir o erro ou admitir o desconhecimento do assunto seria imperdoável, o que poderia, para ele, levar a uma perda do respeito e da autoridade perante a turma. Refletindo sobre estas considerações, pode-se inferir se:

Na verdade estamos ainda distantes do exercício da autoridade pedagógica que sabe estar envolvida numa relação de poder com seus alunos, mas que também tem consciência de que sua superioridade é contingencial, pois ela porta em si mesma a superação. E isso ocorre quando os alunos refletem sobre os conteúdos aprendidos e elaboram questões que serão discutidas com seus professores, pois ambos podem ter liberdade de rever suas ponderações iniciais. Há uma superação da autoridade que não significa sua eliminação, uma vez que a disciplina internalizada não impede, mas sim contribui, para a formação de consciências críticas, desde que o aluno sinta respeitado como partícipe do processo de ensino/aprendizagem. A máxima liberdade não seria aquela exercida com limites? (ZUIN, 2003, p. 426).

Então seria mais importante a autoconservação, a preservação do ego, ou então os saberes que este aluno irá levar ao longo de sua vida, pois mesmo achando-se que este irá esquecer, que este conteúdo ainda não está ao seu alcance, o que vale é a responsabilidade, a ética profissional. Na hora, nenhum dos alunos que estava na sala vai descobrir, mas ao passar do tempo, após terem a lembrança avivada nas suas mentes, com certeza irão ficar com raiva porque acreditaram no professor e este lhes

passou informações erradas, estava enganando-os ou então ele vai passar por “burro”, e não irá adiantar nada ter tentado se autoconservar naquele momento.

Ora, os alunos não tardam a descobrir, geralmente de forma frustrada, que os modelos que tinham feito de seus professores estão muito longe de corresponder à realidade. O professor é um ser humano, sujeito à falhas e acertos como qualquer outra pessoa. Mas será que esta frustração é discutida com os agentes educacionais? (ZUIN, 2003, p. 423)

É preciso ter claro para si quais são as verdadeiras intenções do processo educacional, pois a manutenção de sentimentos de autoconservação não pode ser priorizada aos saberes, à formação do aluno. Assumindo o lado humano do professor e trabalhando estas frustrações com os alunos, talvez se possa buscar uma educação mais humana, já que o professor será, neste caso, mais humano. E as aulas correriam de forma mais tranqüila, sem medo de errar e, principalmente de corrigir o erro ou admitir que não sabe mais ou esqueceu.

3 DIALOGANDO COM A REALIDADE

3.1 AS OBSERVAÇÕES DIÁRIAS

O trabalho realizado nesta escola pretende, através do acompanhamento das aulas de Educação Física de uma turma do primeiro ano do Ensino Médio, encontrar exemplos de situações em que se observe a problemática proposta, que são os tabus do corpo que podem ser reforçados ou trabalhados nas aulas de Educação Física. Enquanto pesquisa empírica, etnográfica, tenta-se nos relatos, dar o distanciamento observadora/situação que se faz necessária para que nenhum posicionamento precipitado seja tomado.

Mas é preciso reafirmar a condição humana envolvida, é muito difícil evitar um posicionamento, ou seja, poder-se-ia reforçar que ninguém é imparcial, por mais que se coloque como “não opinante” em determinadas situações, se omitir é sinal de tomada de posição, talvez concordância com a opinião predominante.

Outra consideração que merece ser feita é sobre as situações escolhidas. A própria escolha por elas denota uma certa tomada de posicionamento. Portanto, a opinião diante das situações não se fixa somente nos relatórios e relatos, e sim na própria escolha pelos fatos relevantes.

O trabalho na escola inicialmente ocorreu de forma tranqüila. Os professores, funcionários e, em específico, o professor de Educação Física, foram muito receptivos, oferecendo todos os subsídios que se fizeram necessários. E quanto aos alunos, também inicialmente se mostraram muito receptivos. Após a fase de adaptação inicial, onde estavam muito preocupados com o fato de estar presente e olhavam “desconfiados”, às vezes chegavam a esquecer que estava presente, e chegaram a comentar sobre isso “Nossa! Você tava aí!”.

Certos cuidados tiveram que ser tomados para que os alunos não se sentissem incomodados com a observação, por ser uma pessoa distante de seu convívio escolar, e talvez pelo medo de estarem sendo avaliados. Certo dia,

As meninas do meu lado ficavam o tempo todo tentando ver o que eu estava escrevendo. Depois de um tempo, notei que cochichavam e uma delas falou um pouco mais alto “É! Eu to

me sentindo incomodada, sem liberdade...” (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 26/04/04, 11º Dia de Observações)

Então a observação se configura de uma maneira diferente, primeiramente observa-se tudo e depois se anota os fatos mais interessantes, menos os que se podem correr o risco de esquecer. Como no caso do seguinte ocorrido, no 25º dia de Observação, quando:

Estava sentada na arquibancada observando as quadras, quando uma menina que estava em um grupo no portão de baixo da grade, começou a gritar para se comunicar com outra que estava na arquibancada: “Ei ‘fulana’, lavou a ‘tiola’?” E ela fazia sinais para a outra que gritava ainda coisas para ela. Eu simplesmente abri o caderno para anotar isto quando a que gritava disse à amiga: “Ei ‘fulana’, ela não sabe o que é, ninguém sabe” (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 17/06/04)

E em outros momentos, é atribuído indiretamente à observação direcionada, o fato de os alunos desta sala terem baixado o seu rendimento escolar na Educação Física, isto foi confirmado após alguns dias de observação (27º dia de Observação), onde durante a aula o professor criticou a turma que “não abre a boca”, pois as outras turmas “se expressam melhor”, e ele “não sabe” por que isso está acontecendo, após o término da aula, em conversa com o mesmo, confirma tais suposições quando fala que os alunos vieram perguntar a ele “o que ela tanto anota naquele caderno” (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 24/06/04), como se isto tivesse gerado todas essas situações em sala de aula.

Talvez o caso mais grave, tenha acontecido no 29º dia de Observação, onde o professor, fez uma exposição do conteúdo sobre sexualidade, em transparências da autora Marta Suplicy, e

Ao terminar a exposição, perguntou se alguém discordava da opinião dela, pois “ninguém é obrigado a concordar” e a turma ficou quieta. Então ele falou “ninguém quer falar nada? Essa turma não fala nada?!” e uma aluna que senta na primeira fila, na sua frente se sentiu obrigada a falar: “a gente não tem que perguntar nada, pergunte você professor”. E ele se referiu às turmas novamente, falou que elas sempre falam mais do que esta. “Não sei porque!”. Eu senti novamente que fui “cutucada” no sentido de que estou incomodando o andamento “normal” de seu trabalho. E ela (a menina) disse mais ou menos “mas por que você diz isso? O que as outras turmas falam?”. E ele respondeu meio que medindo as palavras “eu não posso, por questão de ética falar,... dizer o que as outras turmas disseram”. É como se ele quisesse dizer que não poderia se referir à minha pessoa diretamente como causa do “problema” de “silêncio” durante as suas aulas. (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 05/07/04)

É necessário se perguntar se o problema direto seria a observação, e se fosse, por qual seria o procedimento a se recorrer para saná-lo? É, entretanto difícil julgar as pessoas pelas suas atitudes, todos cometem erros, seria, então necessário assumir-se enquanto humano para os alunos e todas as fragilidades e problemas, pois:

a escola constitui quase o protótipo da própria alienação social (...). O agente dessa alienação é a autoridade do próprio professor, e a resposta a ela é a apreensão negativa da imagem do professor. A civilização que ele lhes proporciona, as privações que lhes impõe, mobilizam automaticamente nas crianças as imagens do professor que se acumularam no curso da história.(ADORNO,2000, [s.p.])

A profissão do magistério, o próprio nome “professor” carrega tabus ao longo da história, o de pessoas impotentes, sem identidade definida, de “poltrões”, pessoas destituídas de sexualidade, infantilizadas. A profissão veio ao longo dos anos sendo construída enquanto fonte de discriminação, indigna de respeito perante a sociedade. Pois a relação do professor é com crianças, pessoas destituídas de direitos legais, de autonomia perante a sociedade em geral. E o professor, enquanto tutor destas pessoas, quase que nem mesmo possui tanta autoridade perante estas, passando com elas somente algumas horas de seu dia. Além destes fatores, há também um ressentimento que vem sendo passado de geração em geração, o professor é um escravo, e não um senhor.

O menosprezo pelos professores que certamente existe na Alemanha, e talvez inclusive nos países anglo-saxônicos, ao menos na Inglaterra, poderia ser caracterizado como o ressentimento do guerreiro que acaba se impondo ao conjunto da população pela via de um mecanismo interminável de identificações.(ADORNO, 2000, [s.p.])

E esta incapacidade atual de exercer a força física é que faz do professor um fraco, com sua semi-autoridade exercida por meio da nota e do escárnio. É ele quem decide quem “merece” ou não passar de ano (ou nem isso, pois a Educação Física não reprova).

Os conteúdos trabalhados durante o período em que estava observando foram: Voleibol e Xadrez; Basquetebol e Qualidade de Vida – Sexualidade; Handebol e Corpolatria. Estes conteúdos são trabalhados de forma teórica e/ou prática, onde: os segundos são apresentados em forma de exposição, seminário e/ou trabalho escrito; os primeiros essencialmente na prática, onde os alunos devem participar em quadra como forma de obtenção de notas por participação.

Dos conteúdos acima apresentados, vê-se que alguns deles não se enquadram nos conteúdos da Educação Física, muito embora sejam trabalhados como partes isoladas dentro do contexto cultural. Se for para se basear no P.P.P. da escola, o mesmo apresenta discriminações em seu interior concernentes à ética e afetividade, interdisciplinaridade e contextualização, muito embora se pense que não seja daí a subdivisão de tais fatores como a Sexualidade e a Corpolatria tenham sido separados dos conteúdos fundamentais.

Talvez de uma leitura errônea dos P.C.N.s, onde há (p.9) uma subdivisão dos objetivos gerais do Ensino Fundamental, no qual se subdividem as áreas do conhecimento e logo abaixo estão postos os conteúdos transversais, os quais se comporiam juntamente com as áreas do conhecimento uma só caracterização da área. Mas isto não significa que o trabalho com estes temas transversais deva se dar de forma separada do contexto, e sim de forma a complementa-los, dar subsídios para discutir aspectos do cotidiano.

Como por exemplo, basquetebol e qualidade de vida, pode-se pensar a respeito de um trabalho que envolva a busca por fontes sobre as parolimpíadas, onde há cadeirantes jogando basquete, onde não importa se têm ou não o movimento das pernas, e sim o sentimento de estar praticando o esporte e os seus benefícios para o bem estar físico e psicológico da pessoa.

Em segunda consideração, pode se fazer um questionamento a respeito do significado de Sexualidade para o professor bem como de Corpolatria. O tema sexualidade ainda foi tratado em forma de seminários, onde os alunos puderam fazer sua própria pesquisa a seu respeito, mas eles não souberam diferenciar muito bem os termos (dentro dos temas envolvidos na sexualidade humana) ato sexual, libido, sexualidade, onde alguns meninos até mesmo se confundiram e acharam que a sexualidade tratada na infância seria o fato de crianças estarem praticando relações sexuais. E nem vão ficar sabendo, pois não foi muito bem esclarecido dentro das aulas.

No bimestre seguinte, o tema Corpolatria foi o “tema transversal” tratado em sala juntamente com Handebol (fora da sala). O professor talvez não assimilou o que fez ou não soube enxergar a diferença dos termos dentro de sua “aplicabilidade” e houve uma confusão enorme e muito grave a esse respeito. Ele chegou a falar o

conceito, que corpolatria seria a busca pelo corpo perfeito, mandou um trabalho escrito para ser feito pelos alunos e aulas mais tarde, acabou por “jogar tudo no mesmo saco”, assimilando por este raciocínio: a corpolatria seria a idolatria pelo corpo, e esta idolatria seria a sexualidade.

E faz-se agora a seguinte pergunta: o que é sexualidade se ele mesmo não soube responder com seu trabalho para os alunos? É saber pôr camisinha na prótese de pênis? Há algo de estranho nesta relação. E a partir destas considerações, pergunta-se: Será que estes conteúdos estão sendo realmente relevantes trabalhados desta forma? Como é possível avaliar algo que nem mesmo se sabe o que é e como trabalhar?

Algumas vezes os critérios de avaliação do professor não são muito precisos para os alunos, que não entendem o que se deve fazer e acabam tirando notas baixas por causa disso, como observado no 15º Dia de Observação (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 10/05/04), onde em uma entrega de trabalhos sobre Danças, algumas alunas reclamam que pesquisaram as regras da ABNT e o professor não aceitou como certa, pois, para ele, neste caso, a numeração é da capa em diante, numeração esta que não se usa há muito tempo. O professor não tomou conhecimento das mudanças existentes e não aceitou o trabalho com o sistema de normas atualizado pelas suas alunas.

O ódio do aluno gradativamente se transforma naquilo que Adorno chamou de impulso para a representação, para um jogo de cena. O aluno dissimula uma aparente concordância com a metodologia “pedagógica” do professor, mas é um fingimento que se torna complacente com a crença do professor (que ele sabe, no seu íntimo, ser falsa) de que o corpo discente está de fato aprendendo o conteúdo ministrado na sala de aula: é o chamado pacto de mediocridade tacitamente acordado entre os agentes educacionais, embora tal acordo não se limite aos conteúdos que não foram aprendidos devidamente, mas sim se espraie no aceite do professor de que o aluno poderá futuramente se desferrar, em outras ocasiões, do escárnio sarcástico ao qual fora submetido na sala de aula. (ZUIN, 2003, p.424)

E quanto à participação, foi observado que mesmo os que sempre participavam ganharam notas baixas, e nem todos conseguem chegar a participar em quadra das atividades, talvez pela falta de gosto pelas mesmas ou pelo conformismo à hierarquia presente na sala, dos que sempre jogam e sempre vão jogar, não importa se alguém mais queira fazê-lo.

O professor se mostra bastante criterioso quanto à entrega de trabalhos pedidos em sala, onde não adia datas ou considera sua entrega parcial. Como no caso do 21º

dia de Observação (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 31/05/04), quando estava previsto o prazo final para a entrega dos trabalhos sobre Sexualidade, onde somente três grupos (dos sete, no total) entregaram. O professor chega a comentar que estes que não entregaram perderiam 3,0 pontos da média por esta razão.

Uma das coisas que foi também discutida em sala (CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 17/06/04, 25º Dia de Observação) foi sobre a questão do aumento de notas por participação em quadra, para talvez “obrigar” aqueles que nunca fazem nada na aula dentro da quadra a tentarem fazer alguma coisa. Este aumento seria em 2,0 pontos na participação, aumentando para 7,0 pontos no total.

Esta questão gerou bastante debate, pois algumas meninas (apenas três se manifestaram contra) defendiam que o professor poderia dar a elas o direito da escolha por fazer trabalhos escritos e, para o restante da turma, a opção de participar em quadra. O curioso deste ocorrido foi o fato de que, as meninas mais quietas da sala, que nunca realmente participam em quadra e não “se misturam” em sala, não falaram nada, e ainda levantaram a mão, como a maioria, para decidir que queriam que esses dois pontos fossem acrescidos à nota de participação.

Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. A felicidade passível de ser conseguida através desse método é, como vemos, a felicidade da quietude. Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendemos solucionar a tarefa por nós mesmos. (FREUD, 2000 [s.p.])

Muitas vezes é melhor não se manifestar que prolongar o sofrimento de estar sendo testado ou constantemente exposto perante a turma e o professor, pelo medo de ser mal interpretado ou mesmo de ser motivo de chacota, pois muitas vezes há temores de que o professor possa iniciar um movimento de inconformidade com suas opiniões (como aconteceu com as outras meninas) e estas não tenham a mesma iniciativa de se defender, calculando talvez que o professor e seus colegas possam se aproveitar de suas falhas e inseguranças para constrange-las diante de todos.

Para convencer as alunas e decidir de vez essa história, o professor leu um texto que falava sobre ‘o que é democracia’, que tentava justificar porque elas tinham que se conformar com a decisão da turma.

A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal gera o potencial totalitário. Este é reforçado pela insatisfação e pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação. Justamente porque a realidade não cumpre a promessa de autonomia, enfim, a promessa de felicidade que o conceito de democracia afinal assegurara, as pessoas tornam-se indiferentes frente à democracia, quando não passam até a odiá-la. (ADORNO, 2000, [s.p.])

O professor se posiciona diante da turma com ar de superioridade, denotando que tem o poder da decisão, que ele sempre será ‘melhor’ que seus alunos em alguma coisa. E de fato, considera-se que ele pode sim, pois “não é somente a profissão do magistério que impele o professor a *unfairness*: o fato de saber mais, ter a vantagem e não poder negá-la. Ele também é impelido nessa direção pela sociedade” (2000, [s.p.]), ou seja, enquanto educador, tem uma inegável vantagem diante de seus alunos.

Isto complementa a idéia de Adorno de que o agente da alienação da escola seja exatamente a autoridade do professor, que adviria de incertezas no plano da atuação profissional deste, podendo ser pela não separação de aspectos do trabalho diário com as pessoas em seus aspectos objetivos e emocionais. E quando os professores passam a brigar com os alunos ou castiga-los pelas notas, chegando próximos quase da violência física, estariam voltando à simbologia “arcaica” do professor, reprimido enquanto ser humano e visto como uma “máquina educativa” (ADORNO, 2000, [s.p.]).

O fato de ter que permanecer imparcial diante de fatos que podem deixá-lo enfurecido, bem como de não poder rir em momentos que teria vontade, enfim, fatos que revelariam que é humano, fazem com que as próprias pessoas também o tratem não só com respeito, mas com medo, com desconfiança, e muitas vezes as conversas dos alunos com este sejam dadas a algum interesse (tirar dúvidas, obter alguma informação, entre outros). E seus instintos reprimidos de podem se revelar em forma de “pequenas vinganças” ao que sofreu, com o sarcasmo e um tanto de sadismo, vendo que ele é que possui a vantagem inquestionável do saber.

Em algumas observações, nota-se que parece gostar de ver que seus alunos não conseguem completar as tarefas que determina. Como na situação de aula ocorrida no 8º Dia de Observação, onde em uma tarefa com xadrez, o professor pede que os alunos posicionem oito peões no tabuleiro de modo que estejam uniformemente distribuídos

em diagonais, verticais e horizontais isoladas. Tarefa uma tanto complicada para iniciantes e/ou alunos que nunca jogaram xadrez na vida.

Em diálogos registrados, descreve-se a situação onde os alunos pediam para que o professor verificasse a tarefa, e o mesmo somente respondia “vou verificar, mas tenho certeza que tá errado”, e em seguida, “eles se irritam porque não conseguem atingir os objetivos da atividade. Um dos meninos que não consegue fica repetindo ‘tá errado, tá errado...’.”(CADERNO DE OBSERVAÇÕES, 08/04/04, 8º Dia de Observação). Há, pois várias situações em que os alunos chegam ao seu limite da paciência e ficam gritando uns para os outros que estava errado, como que para compensar o erro deles também, e alguns ficavam reforçando a atitude do professor com risos, constituindo a situação enquanto agressão psicológica.

Esta assimilação do erro seria uma internalização da sua “mediocridade” pois está impregnado nas atitudes do professor que somente este sabe executar a tarefa, e o aluno vendo que por mais que tente muito, não consegue, acha-se burro demais por não saber, e acaba descontando nos colegas a sua revolta por meio de risos e chacotas que buscam aliviar a sua dor, a sua mágoa.

De fato, há oportunidades nas quais os alunos conseguem descarregar em outros colegas aquele ressentimento reprimido, bem como a sensação de onipotência que é prazerosamente fruída quando eles se assemelham aos professores que os agrediram.(ZUIN, 2003, p.425)

É necessário repensar quais as melhores formas de se trabalhar em sala de aula e conquistar o respeito dos alunos, para evitar que o professor continue sendo esse “fraco que castiga” (ADORNO, 2000, [s.p.]) – porque não tem tanto poder sobre as pessoas que estão sob sua vigilância, só conseguindo retê-las por 2 horas semanais dentro e/ou fora de sala – de forma que vá além das agressões à moral. Tendo por base que o professor é o modelo a ser seguido, nesta situação a sala seguiu o seu modelo e cometeu e reproduziu com perfeição as formas mais usuais de controle e agressão.

E dentre os aspectos questionados dentro do ambiente escolar, está as influências do P. P. P. da Escola dentro das práticas e vivências escolares.

Neste livro, se encontram inúmeros pontos que merecem uma atenção especial. Entre os quais, o de que “o professor que estiver preparado para aceitar e compreender este momento que a Educação está passando, estará inserido num processo de

formação de indivíduos para a cidadania, bem como para o trabalho” (Projeto Político Pedagógico da Escola, 2004).

Até certo ponto, pode-se apontar esta frase como duvidosa ideologicamente, pois o professor aceitando as coisas como estão, estaria bebendo na mesma ideologia da classe dominante e literalmente compartilhando-a e reproduzindo-a enquanto parte dos saberes trabalhados na escola.

Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. Há, é verdade, outro caminho, e melhor: o de tornar-se membro da comunidade humana e, com o auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos. (FREUD, 2000, [s.p.])

Podemos compreender então que o aluno (natureza a ser dominada), seria o ser à mercê de um trabalho científico em busca da sujeição, do domínio para o bem de todos. E esta natureza deve passar pelos mesmos estágios, conhecer o mesmo (ou mais) que todos os outros para ser considerada útil, considerada favorável para o desenvolvimento do mundo. E isto exige sua aceitação, embora seja muito importante que todos tenham o seu ponto de vista.

Esta ingenuidade, este trabalho dicotômico é conseqüente de um idealismo pedagógico - voltando novamente a citar a metodologia da escola (que seria a progressista) - talvez por não ter sido tratado com a devida clareza e atenção na academia, ou mesmo por não ter tanta importância nas discussões, pois o que vale é o conhecimento científico para o desenvolvimento da humanidade. E o coletivo, neste sentido deveras é mais importante que o individual. Pois:

A forma de organização política é experimentada como sendo inadequada a realidade social e econômica; assim como existe a obrigação individual à adaptação, pretende-se que haja também, obrigatoriamente, uma adaptação das formas de vida coletiva, tanto mais quando se aguarda de uma tal adaptação um balizamento do Estado como megaempresa na aguerrida competição de todos. (ADORNO, 2000 [s.p.])

3.2 A VIDA E RELACIONAMENTOS

Tentando caracterizar a turma e comprovar (talvez discordar) dos dados obtidos em observação e os dados apresentados na revisão de literatura, resolveu-se aplicar um

questionário (ver anexos) em que se pergunta aos alunos sobre questões pessoais e do seu cotidiano. As questões não são, aparentemente difíceis, o que torna os dados obtidos mais confiáveis e transparentes, dando margem à sua interpretação com base nas vivências acompanhadas e passíveis de traçar perfis dos entrevistados.

Aparentemente, houve sob primeira vista, a impressão de que, na maioria dos alunos observados, há problemas em casa, quando não com os pais, com os irmãos. E também foi visível a influência que a Indústria Cultural tem sobre estes adolescentes.

Em primeiro momento, foi perguntada a idade dos alunos, que têm entre 14 e 18 anos (grande parte tem 15 anos, com 67,8%), sendo em sua maioria meninas, com 64,3% e nenhum deles tem filhos.

Esta diferença de idade se reflete nos grupos, que costumam se dividir entre os “mais experientes” e os “menos experientes”, e geralmente os que “comandam” algum grupo ou estilo de determinado grupo são os mais velhos, que guiam determinadas atitudes. E este é um tipo de hierarquia, a dupla hierarquia, da experiência, do conhecimento, mais uma vez aparecendo nas nossas descrições, que quando não aparece por meio da força física, se manifesta pelo respeito à experiência.

Na questão seguinte, pergunta-se sobre a região em que este aluno reside, e os resultados indicaram que 82,2% moram em bairros próximos do da escola (sendo 64,3% em bairros vizinhos próximos e 17,8% na Região Metropolitana de Curitiba), e somente 17,8% residem no próprio bairro. O que indica que a sua locomoção se torna mais difícil, que pode ser a pé, levando um tempo um pouco maior, e/ou de ônibus, o que faz com que a família tenha que despender um gasto um pouco maior com seus filhos que estudam longe da escola.

Foi perguntado também quantas pessoas residem na mesma casa com estes, e na maioria dos casos, 4 pessoas, com 57,1% e em seguida, 5 pessoas com 25%. No restante, houve citados os números 2, 3, 6 e 7 pessoas (cada um com 3,5 ou 7,1% - para 3). O que indica que o tamanho das famílias diminuiu, o que pode ter sido ocasionado pela conscientização sobre o planejamento familiar (influenciado pela escolaridade, conhecimentos acerca da prevenção de doenças e da gravidez) e pelas condições econômicas que podem ter melhorado, ocasionado pelo trabalho da mulher, que também ajuda no orçamento doméstico.

Esta afirmação poderia ser comprovada na questão seguinte, onde foi perguntado para os alunos sobre quantas pessoas trabalham na família. Este dado variou de 1 a 4 pessoas, sendo que predominaram 2 pessoas, com 35,7%, para 1 pessoa foi de 32,1% e 3 pessoas, 28,5%. Para 4 pessoas foi quase que insignificante, com 3,5%. O que indica que a renda familiar aumentou, predominando nas pesquisas o pai e a mãe trabalhando, sendo que em alguns casos o pai não trabalha, e sim a mãe e o irmão, ou o pai e o irmão. Nos casos em que uma pessoa trabalha, nem sempre foi somente o homem, ficou bem equilibrado entre o homem e a mulher, sendo que em alguns casos as mães são separadas e sustentam a casa e em outros, a mãe é dona-de-casa.

Sobre a estimativa salarial, há um pouco de inexatidão dos dados até mesmo para os próprios alunos, que tiveram um pouco de dificuldade em responder e ficaram um pouco envergonhados, receosos em responder. Ao aplicar o questionário, perguntaram sobre o que deveriam colocar, indicou-se que colocassem o quanto imaginavam que seria, quanto de dinheiro seria necessário para os manter nas suas condições de vida.

Com os dados que foram indicados, fez-se uma estimativa dentro dos índices salariais, separando-os por quantidades e não quantias e separou-se em partes, segundo o que os alunos foram indicando nos questionários. Chegou-se à seguinte frequência: de 2 a 5 salários com 50% dos casos, de 6 a 11 salários em 39,2% dos entrevistados e de 12 em diante, com 14,2%. Mas mesmo possuindo estes dados, prefere-se priorizar a questão anterior sobre a quantidade de pessoas mantenedoras e sobre a escolaridade dos pais, pois a partir disto pode-se estimar com maior exatidão a questão dos salários mínimos.

Sobre a escolaridade dos pais dos alunos, dividiu-se por casal, o nível de escolaridade, considerando-se um dos pais com maior nível de escolaridade, e na classificação, obteve-se como resultado que 46,4% dos pais têm nível Superior (ou pai ou mãe); 42,8% possuem nível Médio e 10,7% somente possuem o nível Fundamental.

Agora separando os pais destes alunos, estes possuem em sua classificação, e comparando-se os níveis de escolaridade dos homens e das mulheres, obteve-se como dado que 17,8% dos pais têm nível superior, em contraposição a 39,2% das mães, que

alcançaram um grau muito maior de instrução. Já no Ensino Médio, houve o contrário, 50% dos pais que o estudaram por completo ou não chegando a concluir e 42,8% das mães na mesma situação. E no Ensino Fundamental, houve apenas 17,8% de ambos que chegaram até este nível de escolaridade por completo ou não. Com relação ao pai da família, ainda houve 3,5% dos entrevistados que não o têm e 10,7% que nem mesmo o citam.

Complementando esta informação, foi perguntado aos alunos como é seu relacionamento com seu pai, sua mãe e seus irmãos. Com relação ao pai, foi respondido, na maioria dos casos com 50%, que é ótimo, quando se dão bem com ele, é carinhoso, atencioso e se entendem porque conversam sempre. Na segunda colocação, apareceram em 39,2% que sua relação é boa, quando brigam muito e suas idéias não batem com as dele, ou mesmo quando não há muito diálogo. Houve 3,5% dos casos que responderam que é ruim, quando não vê o pai e/ou é separado da mãe. E ainda 7,1% que nem mesmo respondem a questão, pelo pai ser falecido ou por não conhecê-lo, talvez.

Com relação à mãe, empatou-se entre o ótimo e o bom, com 46,4% em ambos os casos. Quando o relacionamento foi considerado ótimo, justifica-se por ter diálogo, compreensão, carinho e respeito. E quando bom, por falta de diálogo, respeito e compreensão, e há brigas. E ainda apareceram empatados nos dois últimos em 3,5%, em que o relacionamento é ruim, quando falta respeito pelas opiniões do filho além de haver há brigas; e péssimo, quando classifica-se a mãe como egoísta.

Na questão sobre os irmãos, houve um critério de separação de dados onde se têm três itens: quantos, de que idades e ocupações. Nos critérios idade e ocupações computam-se pelo número de irmãos e não pelo número de alunos pesquisados. Dos mesmos, 46,4% tinham apenas 1 irmão, outros 39,2% com 2, estes compunham a grande maioria, sendo que os outros índices foram de 3,5% para 4 e 5 respectivamente e 7,1% para nenhum irmão.

As idades destes foram separadas pelas correspondentes a níveis de escolaridade, sendo que dos que possuem mais de 18 anos (43,1%), 27,2% trabalham e somente 4,5% fazem faculdade, (além de alguns também estarem fazendo algum tipo

de curso preparatório, mas este dado não fora apontado com exatidão nos próprios questionários ou nem mesmo apontaram como ocupação, com 9,1%).

Da faixa etária dos 15-17 anos, há dentre os irmãos o número correspondente a 24,5% dos pesquisados, sendo que este número é composto integralmente pela estimativa de ocupação na execução do Ensino Médio ou cursinho preparatório. Na faixa etária de 7-14 anos, 29,5% compunham este dado, sendo que esta população também é apresentada integralmente com freqüentadora do Ensino Fundamental. E na faixa dos 0-7 anos, 6,8% dos casos, citando-se que em 9,1% dos casos que o irmão é pequeno e/ou não estuda (da classificação “não estuda” pode estar sendo citada a população da amostra da faixa dos com mais de 18, dos que não possuem emprego ou qualquer outra ocupação).

Foi perguntado também quanto aos seus irmãos, como é sua relação, que no caso apareceram que em 35,7% dos casos é ótima, quando são amigos, se dão bem, são compreensivos, há uma relação aberta, nunca discutem, há carinho, ou sempre estão dispostos a ajudar. Já em 25% dos casos, a relação é classificada boa, quando brigam de vez em quando, quase não se vêem, “dá pra agüentar” o irmão, é menor, não pensam de forma igual. E em 21,4% dos casos, a relação é ruim, quando brigam muito ou por qualquer motivo, “pega no pé”, não conversam. E é péssima em 7,1% quando só brigam e acham o irmão muito chato. Ainda apareceu em uma das alternativas com um “X” do lado com ‘mais que péssimo’, 3,5% quando diz que os irmãos se odeiam. Em 7,1% dos casos os adolescentes não têm irmão e não apontaram nenhum dado.

O relacionamento com os irmãos, que poderia ser mais uma esperança para os que não têm tanto diálogo com os pais, infelizmente não obteve um dos melhores resultados, vê-se que 32% dos alunos responderam que a relação é ruim, péssima e ainda apareceu um item a mais, marcado por um dos alunos, “mais que péssima”, o que demonstra há uma interação muito dificultada e a troca de experiências entre estes adolescentes e sua família se torna cada vez menor, e estes às vezes acabam buscando em seus amigos a base para seu pensamento e suas ações, já que as experiências mais próximas e a fonte de diálogo vem dos mesmos. Ou mesmo na escola, onde buscam toda a base para sua personalidade e para seus pensamentos, bem como a busca pelos círculos de amizades e os padrões de ações e opiniões.

E mesmo quando foi perguntado sobre os estilos, já se teria em vista os modelos de comportamento vigentes em seu convívio e a que tipo de tribo ele pretende pertencer. Dentre os que predominam sobre os adolescentes, citam-se sete itens, dos quais compunham: roqueiro; *punk*; *skatewear*; *surfwear*; *sportwear*; o que estiver na moda; nenhum e outro. Quando relaciona-se os temas da moda adolescente, “tendências” predominantes da moda atual, como a Skatewear, que obteve 15,9%; Sportwear com 22,7%; Surfwear conseguindo 22,7% dos dados citados; onde fez-se propositalmente uma “pegadinha”, onde citam-se enquanto alternativas estilos que estão na moda. E o item “o que estiver na moda”, que obteve somente vem para complementar o que se confirma nas alternativas acima, o que poderia juntar aos itens acima, juntamente ao que vem anexo no item “outro”. Pois apareceram citados os estilos “simples” e “normal”. E juntando-se o que obteve com os três últimos acima citados, a estimativa que se obteve foi de 34,1%. Apareceram também os itens: social, *cowntry* e gaúcho (que juntando-se os valores, obteve-se uma média de 11,3%), que são tendências de grupos específicos¹⁶. Além destes estilos não muito usuais na atualidade, citam-se como alternativas os itens: roqueiro (11,3%), *punk* (com 2,2%) e nenhum (2,2%).

A grande incidência das primeiras alternativas citadas acima pode indicar que a tendência da moda é a tendência da Indústria Cultural que guia e sustenta a sede de se enquadrar no coletivo por estes adolescentes. Se daqui a dois anos a moda for vestido Cinderela com cabelo rastafari, pode-se ter certeza de que todos, ou quase todos, buscarão se enquadrar neste estilo, não conseguindo ver o quanto este possa ser “não usual” ou “ridículo”, classificações comuns de serem escutadas, por exemplo, da moda dos anos 80.

¹⁶ No caso, o estilo social vem da elite; o *cowntry* que é um estilo remanescente da febre pela música sertaneja (que continua a ter sucesso neste bairro por existir um Bar *Cowntry* nas proximidades, a qual estes adolescentes podem ser assíduos freqüentadores) e o gaúcho, que é uma tradição do Rio Grande do Sul, presente no Estado do Paraná bem como espalhado pelo Brasil pelos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tabus enquanto forças de atuação sutis na compreensão humana dos fenômenos sociais podem estar sendo “usados” o tempo todo pelas pessoas, considerando o que diz Freud (2000) em sua definição, onde eles podem ser cada gesto ou pensamento visto como errado, sendo que se atribuem a pessoas, criando e registrando-as em forma de imagens, crenças, leis, determinadas reações e tomadas de posicionamento. E querendo ou não as pessoas vão tê-los como guias para suas ações e pensamentos.

Este dado é de extrema relevância quando se lembra dos alunos e professores, pois assim como eventualmente possam acontecer com cada pessoa do planeta, estes também são imersos nesta cultura, onde os tabus adviriam de um passado remoto (ou não tanto assim), e dão tom aos atos e pensamentos da humanidade.

Finalmente, acredita-se que este fenômeno não se “apagará” facilmente da compreensão humana, dada a sua carga histórica e reflexiva, mesmo acreditando-se não ser mais relevantes para o “convívio civilizado”, e sim de maior importância à valorização da autonomia de atos e pensamentos.

Esta autonomia seria dada a uma compreensão advinda de uma emancipação, já compreendida por Adorno (2000), em sua obra “Educação e Emancipação”, onde cada um deve saber o que cada ação significa e escolher se quer ou não executá-la, sem duvidar ou ter que consultar ou se guiar pelas ações de alguém, necessariamente.

Que tipo de homem se formará na escola dada à importância inferida aos conteúdos e forma de aplicação bem como posicionamento do professor perante a turma? Tendo em vista o valor formativo, como realizar um trabalho motivante, criativo e crítico? Existirá um melhor meio de fazê-lo ou seria somente teoria?

É preciso considerar a pluralidade da condição humana, na tentativa de possibilitar a todos os homens e mulheres sua humanização plena. Assim, no plano mais amplo, para além de suas especificidades técnicas, o professor de Educação Física precisa tornar-se um profissional pensador da cultura”. (TABORDA DE OLIVEIRA, 1999, p.8). (grifo do autor). E ao refletir sobre a cultura, conscientizar-se

dos padrões e influências que estão constantemente associados a formas corretas de conduta e pensamentos para uma sociedade conformada e controladora.

Para os alunos poderem se conscientizar destas diferentes formas de encarar o mundo é necessário um exercício do professor no sentido de questionar seus valores quanto a padrões de comportamento dele próprio e dos outros, policiar quanto ao exercício de sua autoridade, que pode ou não reforçar ou construir estereótipos, pois ao tomar um ou outro posicionamento, pode levar o aluno a se perturbar profundamente e a adquirir um trauma, pois eventualmente colegas podem reforçar ações do professor em atos escárnio e sarcasmo dirigidos ao colega agredido psicologicamente.

Pode-se inferir também se:

Na verdade, estamos ainda distantes do exercício da autoridade pedagógica que sabe estar envolvida numa relação de poder com seus alunos, mas que também tem consciência de que sua superioridade é contingencial, pois ela porta em si mesma a sua superação. E isso ocorre quando os alunos refletem sobre os conteúdos aprendidos e elaboram novas questões que serão discutidas com seus professores, pois ambos podem ter a liberdade de rever suas ponderações iniciais. Há uma superação da autoridade que não significa sua eliminação, uma vez que a disciplina internalizada não impede, mas sim contribui, para a formação de consciências críticas, desde que o aluno se sinta respeitado como partícipe do processo de ensino/aprendizagem. A máxima liberdade não seria aquela exercida com limites? (ZUIN, 2003, p.426)

E deixar de lado esta pseudo-superioridade implica em diversos momentos o autoquestionamento de padrões e posicionamentos, uma auto-reflexão quanto a processos históricos construídos pela humanidade, de que o professor deve ser o único detentor do saber e isto implicaria a ele um posicionamento superior incondicional, tratando o aluno como ser inferior e uma peça a ser moldada.

Os saberes todos são muito importantes, desde o da cultura popular ao erudito, os quais merecem um tratamento na escola, (e se não for na escola, onde será?) e o aluno um co-participante da construção cultural da humanidade.

E mesmo tendo por base o que Adorno (2000), infere sobre o processo educacional como dominação da natureza, e sendo assim, uma barbárie, é necessário refletir sobre o que seria da humanidade sem uma educação, seriam pessoas destituídas de valores humanos (se é que já não estaria se encaminhando para este sentido), os quais deixariam que o próprio processo se encaminhasse para o caos.

E a escola não mais serviria para pensar a cultura, e sim para a passagem dos alunos em função do tempo livre ou mesmo para nada e poderia deixar de existir.

Vendo-se por este lado, a escola do jeito que está não está “orientando” muito, e sim reproduzindo mecanicamente os conteúdos e técnicas, domando corpos, sem construir o conhecimento, e sem ela, a humanidade se encaminharia para o caos, pois sem escola, ninguém mais teria conhecimentos necessários à sobrevivência em sociedade, para a reconstrução do verdadeiro “ser” humano.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FRAGA, A. B. **Corpo, identidade e bom mocismo**: Cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREUD, S. **Totem e Tabu**: Tabu e ambivalência emocional – (s.d.). Disponível em <<http://psique.org/modules.php?name=News&file=article&sid=75>>. Acesso em abr. 2004.

FREUD, S. O mal estar e a civilização. In: JAIME SALOMÃO. **Edição Eletrônica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969 - 1980. [s.p.].

FREUD, S. Totem e Tabu. In: JAIME SALOMÃO. **Edição Eletrônica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969 - 1980. [s.p.]

HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LUFT, C. P. **Mini Dicionário Luft**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

MELANI, R. Corpo, objeto de consumo. **Revista Discorpo**. São Paulo. n.13, p. 41-53, 2002

RAMOS DE OLIVEIRA, N. A Escola, esse Mundo Estranho. In: PUCCI, B. **Teoria Crítica e Educação**: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Ed. UFSCar. 1995. p. 122-138.

SOARES, C. L. **Imagens da Educação no Corpo**: estudo a partir da Ginástica Francesa no Século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____. **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 109-129.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Existe espaço para o ensino de Educação Física na escola básica? **Revista Discorpo**. São Paulo. n. 09, p.29-44, 1999.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Educação Física escolar: formação ou pseudoformação? Educar em Revista. Curitiba, n.16, p.11-26, 2000.

VAZ, A. F. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, T.; PINTO, F. M. (orgs.). **Educação do corpo e**

formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002. p.

ZUIN, A. Á. S. O corpo como publicidade ambulante. **Perspectiva:** Florianópolis, n.01, p.39-53, 2003.

ZUIN, A. Á. S. Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores. Caderno Cedes: Campinas, n.83, p.417-427, 2003.

ANEXOS**QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO**

DATA:

1. IDADE? anos

2. SEXO: () F () M

3. ESTADO CIVIL:

4. TEM FILHOS?

() Não () Sim QUANTOS? _____

5. BAIRRO ONDE MORA? _____

6. Segundo as CONDIÇÕES ECONÔMICAS DE SUA FAMÍLIA, aponte:

Quantidade de pessoas que moram em sua casa: _____

Quantidade de pessoas que trabalham: _____

Quantidade estimada de salários: _____

7. ESCOLARIDADE dos pais, irmãos, pessoas que moram em sua casa (enumere e descreva):

8. COMO É SUA RELAÇÃO COM SEU PAI?

() ótimo () bom () regular () péssimo

JUSTIFIQUE:_____

9. OCUPAÇÃO PROFISSIONAL de seu pai:_____

10. COMO É SUA RELAÇÃO COM SUA MÃE?

() ótimo () bom () regular () péssimo.

JUSTIFIQUE:_____

11. OCUPAÇÃO PROFISSIONAL de sua mãe:_____

12. TEM IRMÃOS? () Sim () Não

13. QUANTOS, de que IDADES, e OCUPAÇÃO de cada um (numere e descreva):

14. COMO É SUA RELAÇÃO COM SEUS IRMÃOS?

() ótimo () bom () regular () péssimo.

JUSTIFIQUE:_____

15. Em qual tipo de PERSONALIDADE VOCÊ se encaixa, SEGUNDO SUA OPINIÃO?

- ☐ tímido
- ☐ tímido em algumas situações
- ☐ desinibido em algumas situações
- ☐ desinibido.

16. QUAL O ESTILO QUE VOCÊ GOSTA DE USAR?

- ☐ Roqueiro
- ☐ punk
- ☐ skatewear
- ☐ surfwear
- ☐ sportwear
- ☐ o que estiver na moda
- ☐ nenhum.
- ☐ outro. Qual? _____

17. Quais são os tipos de ATITUDE que VOCÊ NÃO GOSTA nas pessoas? POR QUE?
